



FUNDAÇÃO AGA KHAN
Portugal



Co-construindo práticas educativas na creche familiar

A Fundação Aga Khan é uma agência da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento.

FICHA TÉCNICA

Título: Co-construindo práticas educativas na creche familiar

Editor: Fundação Aga Khan Portugal

Créditos de fotografia: Fundação Aga Khan Portugal

Edição: 1.ª edição (maio, 2020)

Este livro constitui-se numa compilação de artigos resultantes das comunicações e posters apresentados no Seminário «Creche Familiar: Construir Práticas Educativas 0-3 anos», uma iniciativa da Fundação Aga Khan Portugal, no âmbito do Programa de Formação e Capacitação de Amas e outros Cuidadores de Crianças Pequenas, realizado no dia 14 de setembro de 2019, em Lisboa.

A designação de **técnico de enquadramento** – conforme o Artigo 7.º da Portaria n.º 232/2015, de 6 de agosto, referente aos termos a que obedece o exercício da atividade de ama, no âmbito de uma instituição de enquadramento – difere em alguns artigos, tendo sido uma opção da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Prefácio

O impacto da qualidade da educação de infância e a valorização dos primeiros anos de vida na aprendizagem e desenvolvimento da criança têm estado indubitavelmente no topo de prioridades da Fundação Aga Khan Portugal (AKF Prt) nas últimas décadas. A certeza de que o investimento na educação e cuidado na primeira infância contribui, significativamente, para a criação das bases para o desenvolvimento, bem-estar e aprendizagem na criança é fundamento da urgência de agir, qualificando os diversos agentes e serviços para crianças até aos 3 anos de idade.

Através do Programa de Formação e Capacitação de Amas e outros Cuidadores de Crianças Pequenas, a AKF Prt tem vindo a desenvolver, desde 2016, diversas ações centradas na promoção do desenvolvimento profissional de amas e outros cuidadores em contexto de educação e cuidados da infância em creche e creche familiar, e cujo enfoque se estende, também, aos profissionais que asseguram o seu acompanhamento, apoio e supervisão.

O ebook «Co-construindo práticas educativas na creche familiar» pretende difundir as diversas vozes destes profissionais (e respetivas instituições de enquadramento) com os quais a AKF Prt tem vindo a desenvolver um trabalho colaborativo e de parceria, iniciado em 2018, no contexto do curso formativo “Construir Práticas Educativas 0-3”, espelhando os seus processos reflexivos em torno da inovação das suas práticas educativas. Processos que garantem as condições inerentes e fundamentais para a qualidade dos serviços que prestam.

Sob a coordenação editorial de Mónica Brazinha, a revisão científica do conjunto de artigos apresentados foi assegurada por Amélia Marchão, Ana Azevedo, Irene Figueiredo e Joana Freitas Luís que integram a Bolsa de Formadores da Fundação.

Nesta publicação, inclui-se, ainda, um texto de Carlos Neto, da Faculdade de Motricidade Humana (Universidade de Lisboa) sobre a importância do brincar no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança, por ser inegável o seu papel no comportamento espontâneo e organizado da criança.

Que estas diversas vozes ressoem e permitam outros olhares, mais atentos e comprometidos, com programas e serviços para a educação e desenvolvimento da criança na primeira infância; olhares críticos que valorizem a profissão de Ama e o seu papel e que influenciem políticas públicas de família e de educação em Portugal.

Karim Merali

Diretor Executivo

Fundação Aga Khan Portugal

Índice

A importância do brincar no desenvolvimento humano.	7
Carlos Neto, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa	9
Uma experiência de socialização de um grupo de amas na Fundação Bissaya Barreto.	17
Casa da Criança Maria Granado, Fundação Bissaya Barreto.....	19
Observar e registar para melhor intervir: trajetória de aprendizagens	25
CASM – Centro de Actividades Sociais de Mira Tejo	27
«Fazer para crescer...»	31
Centro Comunitário da Quinta do Conde	33
O espaço exterior. À descoberta do mundo.	37
Bela Vista – Centro de Educação Integrada de Águeda	39
Creche familiar: uma alternativa com qualidade.	43
Associação de Beneficência Luso-Alemã (ABLA)	45
A creche é-nos familiar	49
TorreGuia – Cooperativa de Solidariedade Social	51
Discutir, partilhar e refletir em equipa: a chave para o bem-estar profissional e a inovação de práticas.	55
CAPA – Centro de Assistência Paroquial da Amora	57



**A importância do brincar
no desenvolvimento humano.**

Carlos Neto, Professor Catedrático

Resumo

Brincar e ser ativo é um comportamento ancestral que pode ser observado no comportamento animal e humano. Brincar é treinar para o inesperado, o incerto e imprevisível. Brincar promove a capacidade de adaptação motora, regulação emocional, capacidade de resolução de problemas complexos, pensamento crítico, relação social e sentimento de si. Brincar em casa, na escola, na rua e em contato com a natureza é um processo fundamental no desenvolvimento humano, considerando que somos a espécie animal com a infância mais longa de todas. Brincar lá fora (outdoor), tornou-se uma situação fundamental para fornecer às crianças e jovens experiências de descoberta e aventura necessárias à criação de estilos de vida saudável ao longo da vida. Brincar não pode ser um comportamento secundário ou opcional, mas um comportamento fundamental na vida quotidiana nas primeiras idades.

Nas primeiras idades, o processo de desenvolvimento é complexo e de difícil compreensão, mas simples na forma natural como ocorrem essas aquisições no tempo e no espaço: a formação de padrões motores básicos, a gestualidade, a linguagem, a formação e estruturação do pensamento, a importância do brincar, o corpo e o espaço físico, as emoções e a estruturação do pensamento lógico, o sentido da comunicação verbal e não-verbal nas relações sociais, etc. A necessidade de jogo de atividade física atinge o nível mais elevado por volta dos 3 aos 8 anos no desenvolvimento humano. Trata-se de um momento crucial de conquistas e experiências que devem ser vividas para darem e terem sentido no desenvolvimento ao longo da vida.

Brincar é a verdadeira matriz do desenvolvimento humano quer individual quer coletivo. Um dos primeiros problemas da criança em termos de desenvolvimento motor é o desafio da gravidade. A conquista da posição de pé implica um grande conjunto de aquisições motoras, sensoriais e perceptivas. Da quadrupedia

à bipedia o percurso é lento, mas evolutivamente rápido considerando a complexidade do processo. A aquisição da marcha e depois da corrida (transporte do corpo no espaço) exige múltiplas experiências e cuidados com o corpo. Este domínio dos movimentos de locomoção, são uma referência básica e estruturante da motricidade humana. Qualquer criança transporta este desejo ancestral e espontâneo de se libertar da gravidade.

De forma paralela, as experiências com objetos são essenciais para as aquisições de natureza manipulativa. Brincar com as mãos (materiais naturais ou construídos), são desafios fascinantes para as crianças aprenderem a ter curiosidade e capacidade de resolver problemas. A Creche e o Ensino Pré-Escolar são contextos em que é possível criar situações desafiantes para o brincar livre e atividades motoras capazes de criar narrativas simbólicas (jogo criativo, de imaginação e fantasia) fundamentais a um desenvolvimento equilibrado e harmonioso. Este repertório motor básico (saber fundamental) é muito importante no desenvolvimento das relações sociais entre as crianças. O desenvolvimento da motricidade permite uma conquista progressiva de autonomia do homem através de referências biológicas e culturais. A comunicação motora através do contato físico (luta e perseguição) e interação com objetos (brincadeiras e jogos) completam a fascinante linguagem do corpo numa perspetiva evolutiva. Estas aquisições motoras em grupo (socio-motoras) permitem criar uma identidade própria nas culturas de infância. Jogo e motricidade na infância são inseparáveis. As crianças quando se movimentam fazem-no com um sentido lúdico (prazer, descoberta, risco, fantasia e adaptação). Mover-se é procura de prazer e autonomia (distanciamento progressivo). Educar é distanciar. Estes fatores básicos do comportamento motor infantil, podem ser educáveis e a sua observação regular são um excelente instrumento de diagnóstico pedagógico e terapêutico. Aprender a movimentar-se implicará uma complexa rede de fatores internos e externos.

Introdução

Brincar e ser ativo é um comportamento ancestral que pode ser observado no comportamento animal e humano. Brincar é treinar para o inesperado, o incerto e imprevisível. Brincar promove a capacidade de adaptação motora, regulação emocional, capacidade de resolução de problemas complexos, pensamento crítico, relação social e sentimento de si. Brincar em casa, na escola, na rua e em contato com a natureza é um processo fundamental no desenvolvimento humano, considerando que somos a espécie animal com a infância mais longa de todas. Brincar lá fora (outdoor), tornou-se uma situação fundamental para fornecer às crianças e jovens experiências de descoberta e aventura necessárias à criação de estilos de vida saudável ao longo da vida. Brincar não pode ser um comportamento secundário ou opcional, mas um comportamento fundamental na vida cotidiana nas primeiras idades.

Os pais deveriam disponibilizar mais tempo para brincarem com os filhos. Muito tempo de trabalho, muito tempo das crianças na escola e pouco tempo passado em família, não é solução para combater o sedentarismo, o stress, a situação de cansaço e de fadiga que nos encontramos. Viver à pressa não é solução e quem

paga por isso são as crianças. Também a superproteção e o medo sobre os riscos e as situações desafiantes que o brincar promove, devem ser consciencializadas pelos pais no sentido de permitir mais liberdade, autonomia e participação.

Mesmo que todos os estudos demonstrem que as crianças brincam preferencialmente dentro de casa, mas gostariam de o fazer com mais frequência no exterior, o problema não é da exclusiva responsabilidade dos pais. Os municípios deveriam desenvolver capacidades e estruturas em termos de meios materiais e recursos humanos relacionados com o objetivo de promover o jogo e a aventura na rua e na natureza. Devolver a rua às crianças é um objetivo prioritário de saúde pública para combater a iliteracia motora, o sedentarismo e aumentar a mobilidade autónoma entre a casa, a escola e a comunidade.

Mais margem de risco no jogo e desenvolvimento motor fora de casa depende de uma estratégia de planeamento urbano centrado na compreensão das necessidades de mobilidade das crianças e jovens.

Em muitas cidades do mundo esta é uma questão central nas políticas de intervenção sobre o planeamento dos espaços pedestres, espaços de jogo e espaços verdes junto às habitações, escolas e lugares públicos. A



autonomia de mobilidade na cidade depende de um conjunto de circunstâncias de organização adequada do espaço físico com qualidade e segurança. As ruas livres de trânsito, o acesso mais fácil a espaços e equipamentos de jogo, os projetos de animação lúdica e desportiva com especialistas bem formados são apenas alguns exemplos que ainda não se encontram desenvolvidos em Portugal.

Por outro lado, os pais devem também participar ativamente em projetos comunitários para a promoção de oportunidades de jogo para os seus filhos. Está ainda por criar em Portugal o conceito de “espaço de aventura” para crianças, em que seja possível serem elas a criar o seu próprio espaço de jogo. Acrescente-se, ainda, a necessidade de mais informação junto aos pais sobre formas de interação lúdica e desportiva com os filhos, bem como de locais e experiências existentes na promoção da cultura lúdica nas primeiras idades. Os pais devem também ser alertados a tomarem consciência de como frequentemente têm tendência a controlarem e manipularem as energias dos filhos para níveis inadequados de expressividade infantil. A identidade da infância não é compatível com uma ideia de um intelecto ativo num corpo passivo. Penso que uma maior margem de risco em exploração e descoberta (jogo e aventura corporal) é

o melhor caminho para mais segurança e resistência aos fenómenos de marginalidade e risco social na infância e adolescência.

Nas primeiras idades, o processo de desenvolvimento é complexo e de difícil compreensão, mas simples na forma natural como ocorrem essas aquisições no tempo e no espaço: a formação de padrões motores básicos, a gestualidade, a linguagem, a formação e estruturação do pensamento, a importância do brincar, o corpo e o espaço físico, as emoções e a estruturação do pensamento lógico, o sentido da comunicação verbal e não-verbal nas relações sociais, etc. A necessidade de jogo de actividade física atinge o nível mais elevado por volta dos 3 aos 8 anos no desenvolvimento humano. Trata-se de um momento crucial de conquistas e experiências que devem ser vividas para darem e terem sentido no desenvolvimento ao longo da vida.

A procura de autonomia (distanciação) e procura de segurança (proximidade) é uma boa estratégia para perceber o sentido da evolução humana e o processo de aquisição de autonomia e independência motora nas primeiras etapas de desenvolvimento. Aprender a mover o corpo no confronto com o desconhecido, o incerto e o imprevisível, e mover o corpo através do ensaio e erro







para aprender a adaptar-se é a maneira como a criança vai estruturando de forma progressiva as aquisições necessárias ao seu crescimento.

Este é um fenômeno que acontece em todas as espécies animais. Trata-se de uma questão de sobrevivência e aquisição de ferramentas para se tornar adulto. Este mecanismo adaptativo é ainda mais particular no ser humano por ter uma infância relativamente longa e necessitar de assegurar a sua sobrevivência através de uma relação muito complexa entre mudanças que ocorrem no seu corpo e no seu ambiente. Entre os primatas, o homem apresenta um especial e longo período de vida, longo período de imaturidade, largo tamanho cerebral, larga capacidade de aprendizagem, família relativamente reduzida e um extenso investimento parental. A relativa falta de preparação para a vida ao nascimento, apresenta muitas vantagens para a nossa espécie. É na verdade uma estratégia deliberada do ponto de vista evolutivo. O corpo serve de mediador nesta aprendizagem de diversas competências e saberes. O jogo e a motricidade (corpo em movimento) são o segredo quase mágico que as crianças naturalmente utilizam para adquirirem essas aprendizagens internas e externas.

O jogo e a motricidade colocam-se como um instrumento poderoso, e se bem utilizado, possibilita a promoção e a aquisição de um conjunto de aprendizagens

fundamentais no desenvolvimento psicológico, emocional e social das crianças. O ser humano é um participante interessado num amplo jogo, em que o seu resultado permanece em aberto. Deste modo, o brincar (jogo exploratório) é um fenômeno natural que desde o início tem guiado os destinos do mundo: ele manifesta-se nas formas que a matéria pode assumir, na sua organização em estruturas vivas e no comportamento social dos seres humanos.

O que é brincar?

Brincar é adaptar-se a situações incertas, é treinar para o inesperado, através de ações diversas na utilização do corpo em espaços físicos e na relação com os outros. Por isso, tornam-se fundamentais atividades livres que promovam o jogo simbólico (Pretend Play), o jogo com objetos (play material), o jogo social (Social Play) e o jogo de atividade física (Physical Activity Play). Brincar é um comportamento de escolha livre, intrinsecamente motivado, dirigido pessoalmente, com um propósito explorador, de risco e procura adaptativa, aprendizagem e com enorme empenho de imaginação e de fantasia. Os benefícios são muito significativos em termos de: capacidade adaptativa (motora, cognitiva, emocional e social), cultura de sobrevivência, confronto com adversidades, regulação emocional, autoconfiança, relação social e ganhos significativos de competências motoras, cognitivas e sociais.

O contacto com a natureza e a capacidade de confronto com o risco são competências fundamentais na estruturação de uma cultura lúdica infantil. Uma criança que não brinca de forma regular e sem constrangimentos em espaço e tempo não é uma criança saudável. Os estudos demonstram uma relação muito relevante entre brincar e ser feliz na infância e o sucesso na vida adulta. Brincar é uma linguagem universal que todas as crianças compreendem independentemente do espaço geográfico ou cultural. Temos afirmado que brincar em casa, na rua ou na comunidade é uma necessidade fundamental para adquirir instrumentos adaptativos necessários na adolescência e na vida adulta. Brincar é para a criança uma atividade de exploração do seu envolvimento físico e social, procurando sempre que possível descobrir e ter curiosidade de colocar o seu corpo em confronto com situações adversas e de risco controlado. O futuro nunca foi tão incerto. As profissões existentes hoje provavelmente não existirão amanhã. O que estamos a ensinar hoje na escola terá provavelmente pouca utilidade no futuro. De acordo com o Fórum Económico Mundial 2016, o trabalho no futuro exigirá ao cidadão comum competências para resolver problemas complexos, ter pensamento crítico, ser criativo, trabalhar em equipa, e

ter habilidades de comunicação. Brincar e ser ativo na infância permitem desenvolver a capacidade de adaptação, de resiliência e criativa necessárias para se ser feliz, empreendedor e ter sucesso na adolescência e na vida adulta.

Esta complexidade terá lugar ao longo do seu desenvolvimento num jogo de forças contraditórias, procurando uma capacidade de resposta ao envolvimento em que vive, progressivamente mais adaptada e culturalmente mais significativa. A necessidade de explorar o seu envolvimento próximo é um pré-requisito para a sobrevivência, através da contínua exercitação do seu corpo e cérebro na busca exterior de acontecimentos e na avaliação de informação. É esta capacidade de mobilização que dá ao corpo e em particular às suas estruturas mentais uma significativa flexibilidade na variedade de respostas a situações complexas. Esta flexibilidade permite ao homem alterar a sua habilidade para entender e explorar a informação para a descoberta do seu envolvimento e transcender o ciclo natural de dependência. Este desenvolvimento é deste modo necessário não só para a sua sobrevivência imediata, mas também para a evolução da espécie.



O brincar é em nosso entender o mecanismo pelo qual essa flexibilidade é estruturada. Fazendo isto, o brincar livre torna-se numa das formas mais importantes do comportamento humano desde o nascimento até à morte e absolutamente essencial na formação da sobrevivência e estruturação do processo de desenvolvimento do homem. Simbolismo e transmissão cultural de geração em geração, marca particularmente a espécie humana em relação às restantes.

O conhecimento disponível em psicologia do desenvolvimento (considerando diversas escolas de pensamento) sobre a evolução da cultura lúdica na infância é limitada e frágil quanto à fundamentação dos efeitos no desenvolvimento da criança do envolvimento físico e social, socialização, educação ambiental e “design” de espaços, materiais e equipamentos de jogo. Algumas perspectivas de âmbito comportamentalista ou cognitivista sobre as relações criança-envolvimento, apresentam-se como teorias reducionistas e com um nível explicativo pouco centrado em acontecimentos do “mundo real”. O brincar e ser ativo são formas através da qual a criança se socorre para interiorizar o seu envolvimento físico e social. A ideia de explorar as relações entre ecologia e

jogo permitem a formulação de um novo paradigma e uma dimensão conceptual no estudo do comportamento lúdico em termos evolutivos. A perspectiva ecológica (baseada na definição biológica clássica de ecologia como o estudo das relações entre as coisas vivas e seus envolvimentos) pode ser equacionada e aplicada às circunstâncias de vida do homem e seus espaços de ação. A perspectiva da ecologia humana, considera que o indivíduo existe como parte de um ecossistema de múltiplas relações.

Brincar e a conquista da autonomia

Brincar é a verdadeira matriz do desenvolvimento humano quer individual quer coletivo. Um dos primeiros problemas da criança em termos de desenvolvimento motor é o desafio da gravidade. A conquista da posição de pé implica um grande conjunto de aquisições motoras, sensoriais e perceptivas. Da quadrupedia à bipedia o percurso é lento, mas evolutivamente rápido considerando a complexidade do processo. A aquisição da marcha e depois da corrida (transporte do corpo no espaço) exige múltiplas experiências e cuidados com o corpo. Este domínio dos movimentos



de locomoção, são uma referência básica e estruturante da motricidade humana. Qualquer criança transporta este desejo ancestral e espontâneo de se libertar da gravidade.

De forma paralela, as experiências com objetos são essenciais para as aquisições de natureza manipulativa. Brincar com as mãos (materiais naturais ou construídos), são desafios fascinantes para as crianças aprenderem a ter curiosidade e capacidade de resolver problemas. Este investimento na infância é decisivo para o desenvolvimento do cérebro e para a capacidade de adaptação motora, perceptiva, emocional, cognitiva e social no futuro. O desenvolvimento e ajustamento postural (boa colocação dos apoios, cintura pélvica, cintura escapular, coluna vertebral e posicionamento da cabeça), deve ser considerado como um fator educável da motricidade da maior importância. A estruturação da direccionalidade e da lateralidade corporal constitui uma das mais complexas aquisições motoras na infância. Como situar o corpo no espaço? Como aprender a movimentar o corpo segundo objetivos bem definidos e necessários para uma movimentação com significado? Um bom ajustamento postural é um bom indicador do estado emocional e afetivo da criança. Uma boa postura implica um domínio do equilíbrio corporal em termos estáticos e dinâmicos. Também a relação com objetos (movimentos manipulativos), implicam operações perceptivo-motoras mais sofisticadas. Lançar, agarrar, pontapear, cabecear, driblar e preensões de pequenos objetos são aquisições motoras com grande relevância na vida quotidiana e em futuras aprendizagens mais complexas. O domínio dos movimentos manipulativos (objetos e materiais) através da utilização da periferia corporal (mãos, pés e cabeça), constituem as maiores conquistas da humanidade. A ligação destes elementos fundamentais e estruturantes da motricidade na infância, traduzem o nível de coordenação motora global e segmentar nas primeiras idades. Estas aquisições motoras individuais (psicomotoras) acontecem de forma muito diversa entre as crianças, considerando a influência de variáveis genéticas e ambientais. Estas aquisições e experiências motoras e perceptivas (locomotoras, posturais e manipulativas), partilhadas em brincadeiras em pares ou em grupo, permitem a evolução da maturação cognitiva e social que é fundamental para a aquisição de linguagens mais abstratas e sofisticadas. Na primeira infância (0 aos 3 anos) estas aquisições motoras, sensoriais,

perceptivas, emocionais, cognitivas e sociais são decisivas para futuras aquisições mais complexas. O tempo vivido na Creche e a interação parental são fatores decisivos neste processo de evolução humana. Colocar as crianças perante situações novas e de risco (situações problema) é um passo decisivo para a conquista de mais autonomia e autoestima. Não será bom para as crianças que os adultos manifestem uma excessiva proteção, uma cultura de medo em relação ao risco físico e não promovam atividades em espaços exteriores (naturais ou construídos). A estimulação em casa e fora dela (brincar com os filhos) é tão importante como a estimulação regular sistemática e intencional operada no contexto escolar. A Creche e o Ensino Pré-Escolar são contextos em que é possível criar situações desafiantes para o brincar livre e atividades motoras capazes de criar narrativas simbólicas (jogo criativo, de imaginação e fantasia) fundamentais a um desenvolvimento equilibrado e harmonioso.

Este reportório motor básico (saber fundamental) é muito importante no desenvolvimento das relações sociais entre as crianças. O desenvolvimento da motricidade permite uma conquista progressiva de autonomia do homem através de referências biológicas e culturais. A comunicação motora através do contato físico (luta e perseguição) e interação com objetos (brincadeiras e jogos) completam a fascinante linguagem do corpo numa perspetiva evolutiva. Estas aquisições motoras em grupo (socio-motoras) permitem criar uma identidade própria nas culturas de infância. Jogo e motricidade na infância são inseparáveis. As crianças quando se movimentam fazem-no com um sentido lúdico (prazer, descoberta, risco, fantasia e adaptação). Mover-se é procura de prazer e autonomia (distanciamento progressivo). Educar é distanciar. Estes fatores básicos do comportamento motor infantil, podem ser educáveis e a sua observação regular são um excelente instrumento de diagnóstico pedagógico e terapêutico. Aprender a movimentar-se implicará uma complexa rede de fatores internos e externos.

Se a atividade lúdica e motora no espaço escolar é fundamental no desenvolvimento da criança (estimulação organizada, sistemática e intencional) do mesmo modo as oportunidades de jogo livre fora da escola são absolutamente indispensáveis na estruturação do desenvolvimento perceptivo-motor (estimulação ocasional). No entanto são preocupantes as condições atuais de vida das crianças na sociedade moderna.



**Uma experiência de socialização
de um grupo de amas
na Fundação Bissaya Barreto.**

Técnica de enquadramento: Telma Neves

Formadora: Diana Pinto

Resumo

Recentemente, e após a saída do decreto governamental que previa o fim da atividade das amas enquadradas técnica e financeiramente no Instituto de Segurança Social, o Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra propôs à Fundação Bissaya Barreto a criação de uma creche familiar. Quatro amas, pertencentes à bolsa daquele Centro Distrital, integraram assim a creche familiar criada na dependência da Casa da Criança Maria Granado, em Coimbra.

Este artigo descreve sumariamente o trabalho realizado com este grupo de amas ilustrando os processos de socialização e formação desenvolvidos até à data com objetivos, quer de integração na estrutura física e educativa da Fundação, quer de melhoria do atendimento prestado às crianças e às suas famílias e de desenvolvimento pessoal e profissional de cada ama, tendo em conta as suas características particulares e o seu contexto.

Palavras-chave: equipa, integração, participação.

Introdução

Recentemente, e após a saída do decreto governamental que previa o fim da atividade das amas enquadradas técnica e financeiramente no Instituto de Segurança Social (Decreto Lei n.º 94/2017 de 9 de agosto), o Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra propôs à Fundação Bissaya Barreto a criação de uma creche familiar.

Quatro amas, pertencentes à bolsa daquele Centro Distrital, integraram assim a creche familiar criada na dependência da Casa da Criança Maria Granado, em Coimbra.

Este artigo descreve o processo de socialização deste grupo de amas no contexto da Casa da Criança e da Fundação Bissaya Barreto consubstanciado numa constante troca de experiências que permitiu a reconfiguração dos modos de pensar e agir da nova equipa educativa. Resolvidas as questões burocráticas iniciais, era tempo de iniciar um trabalho de supervisão educativa baseado no conhecimento efetivo da realidade de cada ama e, portanto, devidamente contextualizado.

Enquadramento teórico

A Lei de Bases do Sistema Educativo Português não inclui a educação dos 0 aos 3 anos. As alterações verificadas até agora, de que destacamos a última, em 2009, consagrou a universalidade da educação pré-escolar

para as crianças a partir dos 5 anos de idade. No entanto, consideramos que em nenhum momento é considerada a oportunidade de integrar a educação em Creche no Sistema Educativo Português. Em virtude dessa decisão, continuam a existir carências graves no que respeita essencialmente à quantidade de creches disponíveis no território continental, mas também no que diz respeito à qualidade do atendimento disponibilizado à primeira infância.

A investigação já demonstrou a necessidade de haver serviços que promovam uma educação de qualidade desde os primeiros anos de vida, confirmando o seu impacto na vida futura. De acordo com Cohen & Santos (2013, p. 4) “Estes serviços desempenham não só um papel fundamental no apoio ao desenvolvimento social e emocional das crianças e ao seu bem-estar, proporcionando as bases para uma aprendizagem ao longo da vida e estilos de vida saudáveis, mas também são essenciais para muitas famílias com filhos de menos de três anos” pelo que a sua expansão é uma necessidade premente.

Em Portugal a educação e cuidados das crianças dos 0 aos 3 anos é tutelada pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social sendo o serviço assegurado por uma rede de creches e de creches familiares ou amas, pertencentes a uma grande variedade de instituições privadas, sobretudo de solidariedade social com recursos materiais e competências técnicas também muito



diferentes entre si. Esta circunstância traz consigo uma grande diversidade, desejável em muitos casos, mas também situações em que o acompanhamento das crianças é pouco ou nada qualificado e, por conseguinte, pouco adequado ou eficaz em termos educativos.

É fundamental que todas as famílias tenham acesso a serviços de alta qualidade para deixarem os seus filhos durante o período em que trabalham. Nesta perspetiva, consideramos que deve existir um investimento claro em todas as respostas sociais para a primeira infância, bem como nos seus profissionais.

De acordo com Teresa Vasconcelos, na Recomendação A Educação dos 0 aos 3 anos, publicada pelo Conselho Nacional de Educação, em março de 2011, "...a creche deve irradiar um serviço de creches familiares e de amas, monitorizado pelos serviços da própria creche, que garanta a formação e supervisão das amas. Estas poderão fazer trabalho de campo (estágio) na creche e visitá-la regularmente com o respetivo grupo de crianças. A supervisão das amas deve ser assegurada (...) por educadoras supervisoras que, conjuntamente com as amas, assegurarão o acompanhamento do trabalho pedagógico, mas também, a deteção precoce de necessidades das crianças."

Para que esta expansão de qualidade se verifique, existe ainda um longo caminho a percorrer, sendo muito importante continuar a investir na formação de todos os intervenientes para progressivamente melhorar a qualidade das respostas educativas das crianças dos 0 aos 3 anos, garantindo ambientes educativos seguros, estimulantes e desafiadores, pautados por relações próximas e calorosas e onde o cuidar e o educar não são aspetos ou momentos distintos mas são um contínuo integrado no quotidiano das crianças.

O início

As amas recebem crianças em sua casa. Estão por isso sozinhas em casa com as crianças. Não têm normalmente oportunidades significativas de socialização, de partilha e confronto de ideias, com os seus pares ou outros profissionais.

As visitas a suas casas permitiram iniciar uma relação que foi crescendo na partilha, no respeito e na confiança mútua ao longo do tempo. Estas visitas foram o ponto de partida e vieram a revelar-se uma estratégia fundamental para, em equipa (amas e educadores), definirmos planos de ação que promovessem não só uma melhoria do serviço para as crianças e famílias, mas também fortalecesse o sentimento de competência das amas, a sua valorização pessoal e profissional, promovendo assim uma autoimagem positiva e um sentido de pertença à equipa e à instituição.

Inicialmente, deparámo-nos com quatro amas pouco confiantes e apreensivas com a situação em que se encontravam. As dúvidas e receios em relação ao seu futuro eram evidentes. Mais do que intervir nos espaços, nas oportunidades educativas e na melhoria do serviço, foi nossa prioridade criar laços e investir numa relação de confiança sem a qual não seria possível intervir nos restantes aspetos.

Gradualmente, fomos conhecendo melhor cada ama e cada contexto. Ao mesmo tempo as amas iam-nos conhecendo e à instituição também melhor, criando uma base de confiança mútua que viria a permitir uma intervenção mais focalizada e refletida.

A observação em conjunto sobre os espaços e materiais, sobre as escolhas feitas até então permitiu refletir sobre a pertinência dos brinquedos existentes, o modo como



se adequavam ou não às crianças e o modo como se organizavam no espaço e sobre a funcionalidade do próprio espaço.

Na verdade, muitos dos materiais disponíveis para as crianças brincarem tinham sido trazidos pelos pais ou tinham pertencido aos seus filhos ou a filhos de familiares. Havia uma clara necessidade quer de introduzir materiais mais atuais e diversificados, incluindo materiais naturais, quer de organizar os espaços de modo a favorecer e diversificar a atividade e autonomia das crianças.

Ao longo destas visitas foi possível também observar o modo como as crianças brincavam e as interações que estabeleciam entre si e com as amas. Apesar da “relativa pobreza” dos materiais e da falta de coerência dos espaços verificámos que em todos os contextos existia um clima caloroso e acolhedor e que as interações eram francamente positivas e evidentes nos risos e brincadeiras felizes e descontraídas das crianças.

A intervenção no espaço físico foi por isso o agregador que permitiu estreitar relações e aumentar a confiança entre a equipa de amas e a Casa da Criança.

No entanto, era claro que para haver alterações significativas, as nossas sugestões e intervenções não eram suficientes. Era necessário fazer um trabalho conjunto de reflexão acerca das crianças, do modo como brincam e aprendem, do modo como se relacionam com os outros e acerca do modo como cada ama se posiciona pessoal e profissionalmente face às crianças e suas famílias.

A formação

Com estes objetivos em mente preparámos um módulo de formação inicial em sala, teórico, mas com uma forte componente prática.

Esta formação teve como objetivo principal apoiar a redefinição das práticas de modo a alargar as oportunidades de aprendizagem e aumentar o bem-estar e envolvimento das crianças e das amas. Para tal, usámos como suporte o trabalho de observação e reflexão realizado durante as visitas que permitiu fazer uma síntese das conquistas realizadas até então e, com base nelas, definir novos desafios. As amas visitaram a Casa da Criança Maria Granado e tiveram a oportunidade de observar e refletir sobre os materiais existentes, sobre as interações estabelecidas, sobre as atividades que estavam a ser desenvolvidas, sobre as formas de comunicar com os pais, nomeadamente sobre as informações constantes dos painéis informativos de cada sala; de colocar questões e esclarecer dúvidas e de conhecer e interagir com a equipa educativa.

Posteriormente, o curso “Construir Práticas Educativas 0-3”, com a duração de 25 horas, contribuiria para dar profundidade aos temas: Cuidados de saúde e bem-estar, Desenvolvimento infantil e aprendizagem, Educação de Infância e Envolvimento das famílias. Embora, inicialmente, a tarefa de escrever fosse encarada por todas como um constrangimento que fazia com que os seus receios, dúvidas, inseguranças e incertezas sobressaíssem, juntas, fomos capazes de criar estratégias para ultrapassar o medo da folha em branco e começar a escrever e a pensar no que se escreve. Os portfólios reflexivos, construídos ao longo do curso, evidenciam essa conquista e o desenvolvimento progressivo de níveis de reflexão mais profundos e que por isso permitiram uma (re)construção gradual de conhecimento.

Na perspetiva das amas, esta formação revelou-se muito importante para o seu crescimento pessoal e profissional como podemos concluir através dos seguintes testemunhos: “Com o decorrer das sessões, senti-me



entusiasmada para pôr em prática tudo o que estava a aprender, sempre expectante com a reação do grupo de crianças de que cuida. Durante a realização das atividades, as crianças sempre se mostraram bastante recetivas e interessadas, o que provou que a formação estava a ser uma mais-valia para um melhor e diferente exercício da minha profissão. Fazendo assim um balanço final, foi uma formação bastante rica em aprendizagens e experiências. Tivemos oportunidade de conhecer novas estratégias para cativar o nosso grupo de crianças para aprendizagens mais participativas e lúdicas e perceber que é essencial pensar sempre nos interesses das crianças, proporcionando-lhes ferramentas para que tenham um desenvolvimento mais saudável e feliz.” (A); “Esta formação sobre construir práticas educativas 0-3 anos avivou-me a memória sobre algumas práticas da minha atividade como ama e a ter um conhecimento mais profundo do desenvolvimento da primeira infância. Adquiri mais conhecimentos sobre quatro dimensões do desenvolvimento da primeira infância; cuidados de saúde e bem-estar; desenvolvimento infantil e aprendizagem; educação na infância; envolvimento das famílias e comunidade. Ajudou-me a ser capaz de identificar os desafios e a saber como superá-los, a ser mais criativa e assertiva. Aumentou a minha confiança e o sentimento de competência no desenvolvimento da minha profissão.” (B)

Supervisão e acompanhamento

Se a formação é importante para o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, a mesma só é significativa se tiver impacto na prática. Por isso, paralelamente à formação, com o objetivo de fazer a ponte entre a teoria e a prática e definir novos desafios e estratégias, continuámos a fazer visitas de supervisão e acompanhamento das práticas educativas. Foi possível começar

a observar mudanças, evoluções e uma vontade crescente de aprender, de aplicar os novos conhecimentos e de arriscar uma nova atitude. Na nossa opinião, as amas alargaram os seus conhecimentos durante a formação, mas essencialmente estavam mais confiantes e seguras, estando assim aberto o caminho para definirmos novos desafios e propor ainda mais mudanças.

Estávamos todos mais confiantes e implicados. Cada visita levava-nos a novas reflexões, a novos desafios e ao estabelecimento de compromissos que nos responsabilizavam a todos.

Em conjunto (amas, educadora responsável pela Creche Familiar e formadora) voltámos a olhar para o ambiente educativo. Tendo em conta o trabalho desenvolvido até à data, os novos conhecimentos adquiridos ou relembrados na formação e partindo das questões-chave “porque é que o espaço e os materiais são tão importantes?” e “como é que o ambiente educativo influencia a atividade, as interações e o envolvimento das crianças?” chegámos

A cada visita havia uma novidade, uma surpresa. As amas começaram a construir materiais e a introduzir, por sua iniciativa, elementos naturais.



a novas conclusões. Desta vez, as próprias amas identificavam aspetos a alterar e a melhorar nas suas casas e nos espaços destinados às crianças.

Embora soubessem as respostas e tivessem presente nas suas memórias a teoria, algumas mostraram, inicialmente, resistência à mudança porque esta implicaria alterações nos espaços e nos materiais que por sua vez iriam imprimir uma nova dinâmica nas interações das crianças com os materiais e umas com as outras. Respeitámos o tempo de cada ama e gradualmente começámos a reorganizar o ambiente educativo: retirámos e introduzimos materiais novos, alguns criados pela equipa; repensámos a sua organização e, em conjunto, explorámos os espaços e materiais de modo a compreender as suas potencialidades educativas.

Mais uma vez a organização do ambiente educativo foi o elemento agregador que nos permitiu observar, refletir ou abordar as restantes questões: as rotinas; os brinquedos, os materiais naturais e não padronizados; as interações, o envolvimento, a liberdade de escolha e níveis de autonomia das crianças e, a comunicação com as famílias.

Antes e depois das visitas reuníamos (educadora responsável pela Creche Familiar e formadora) para definir objetivos e estratégias, para inventariar necessidades e descobrir novas abordagens para fazer face às dificuldades e arquitetar novos cenários, tendo sempre como objetivo principal a melhoria contínua dos serviços prestados pela Creche Familiar da Casa da Criança. Estas reuniões e visitas conjuntas tornaram-se uma mais-valia para todas ao permitirem traçar planos de ação individuais, na medida em que tínhamos um conhecimento ampliado e muito refletido sobre as necessidades e características individuais de cada ama.

A cada visita havia uma novidade, uma surpresa. As amas começaram a construir materiais e a introduzir, por sua iniciativa, elementos naturais. O seu olhar para as crianças foi ganhando outros focos: envolvimento, bem-estar emocional, evidências de aprendizagens significativas são palavras e expressões que passaram não apenas a fazer parte do léxico, mas que adquiriram um significado e um sentido na vida de cada uma. As mudanças eram visíveis, mas como queríamos mais e melhor, novos compromissos eram sempre estabelecidos.

Foi assim que as amas e respetivas famílias passariam a frequentar a creche da Casa da Criança Maria Granado uma vez por mês e a participar em todas as reuniões, convívios, formações e sessões de formação parental.

Estas participações têm-se revelado muito positivas na medida em que permitem às amas sair do seu isolamento e partilhar experiências, observar outras práticas, descobrir novos materiais e observar novas atividades a serem desenvolvidas. Oferecem ainda um modelo para as interações e para a linguagem. Por outro lado, as crianças da creche familiar têm a oportunidade de conviver com novas e mais crianças e com outros adultos num contexto novo e diferente, ampliando assim as suas experiências e oportunidades de interação. Para os Pais, embora numa fase inicial alguns tenham manifestado receios, rapidamente mudaram de opinião. Também para estes pais o convívio e a partilha num grupo mais alargado é fonte de satisfação e bem-estar.

A partir do momento em que estas estadias na creche começaram a acontecer, começámos gradualmente a ser surpreendidas com pesquisas, reflexões e novos materiais construídos com elementos não padronizados que refletiam um novo entusiasmo e empenhamento e uma intencionalidade mais consciente e refletida.

O facto de no final de cada estadia reunirmos para pensar e falar sobre os aspetos positivos do dia, sobre as dificuldades sentidas, sobre as estratégias de ação e atividades observadas, sobre a organização dos materiais, ou sobre qualquer outro aspeto que tivesse sido previamente estabelecido como foco de observação com cada ama, tem permitido trilhar um caminho que é de descoberta e de crescimento contínuo. No final do dia, cada ama leva ainda um compromisso de ação para aplicar no seu contexto, tendo em conta os seus aspetos a melhorar.

Criámos ainda um grupo de mensagens privadas onde diariamente partilhamos ideias, atividades, projetos, artigos, conversamos, apoiamo-nos e elogiamo-nos mutuamente. Esta é sem dúvida uma excelente estratégia que tem ajudado as amas a sentirem-se mais próximas umas das outras, e de nós, a reduzir o seu isolamento e a criar uma comunidade de pessoas que se enriquece mutuamente, que abraça a mudança e aceita desafios com confiança.

Considerações finais

Esta experiência de socialização de um grupo de amas na Fundação Bissaya Barreto foi um grande desafio, mas que se revelou muito gratificante e uma mais-valia para todos. Existe ainda muito caminho a percorrer, mas a implicação e a capacidade de reflexão e de reconhecer os seus pontos fortes e também os aspetos a melhorar, tem aumentado visivelmente. O facto de as amas sentirem agora que fazem parte de uma equipa, que não estão sozinhas, também as libertou e motivou a partilharem as suas dificuldades para fazerem os seus percursos e vencerem desafios. Os pais vêm reconhecendo as mudanças e assinalando as diferenças positivas e isso encoraja-nos a todos a fazermos e a sermos cada vez melhores. Para nós é muito gratificante ver a evolução, a mudança das práticas, o aumento da intencionalidade educativa e a satisfação de toda a equipa, pais e crianças.

Referências bibliográficas

- Cohen, B. & Santos, L. (2013). Bem-vindos ao nosso mundo: Educação e cuidados para crianças até aos três anos. Edição especial 2013 de Infância na Europa. Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância. pp. 4-6.
- Decreto-Lei n.º 94/2017, de 9 de agosto. Diário da República n.º 153/2017 – I Série. Lisboa: Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social.
- Folque, M. A., Tomás, C., Vilarinho, E., Santos, L., Homem, L. & Sarmiento, M. (2016). Pensar a Educação de Infância e os seus contextos. In M. Silva (coord.), Pensar a Educação. Temas Sectoriais (pp. 9-46). Lisboa: Educa Organizações. ISBN: 978-989-8272-24-9. Lisboa: Educa
- Santos, L. (2015). A culture of mutual learning, In TALE - Tuscan Approach Learning for Early childhood education and Care, activities, results and perspectives, ed. Aldo Fotunati. Istituto degli Innocenti: Florença.
- Vasconcelos, T. (2011). Recomendação - A Educação dos 0 aos 3 anos. Conselho Nacional de Educação: Lisboa.



**Observar e registrar para melhor intervir:
trajetória de aprendizagens.**

Amas: Ana Paula Pires, Ana Maria Santos, Filipa Santos, Isabel Berjano, Manuela Amaral, Kulsum Serrão, Leonor Batista, Elizabete Costa, Maria Santomé, Cidália Rebelo, Manuela Guerreiro, Antónia Neutel, Carla Pita e Fátima Silva

Técnicas de Enquadramento: Sofia Duarte e Catarina Oliveira **Formadora:** Isabel Correia

Resumo

Olhar!... Escutar!... Anotar!... para aprender mais sobre as crianças e sobre a intervenção diária, foi uma das dimensões do curso de formação “Construir práticas educativas 0-3 anos” que contribuiu para introduzir algumas mudanças na ação das Amas do Centro de Actividades Sociais de Miratejo (CASM). Na presente comunicação pretendemos testemunhar esse processo, que tem sido complexo e lento e que tem exigido um esforço acrescido para introduzir mudanças de postura. Contudo, registam-se alguns progressos, começam a ser

dados os primeiros passos e, por conseguinte, a surgir os primeiros registos, com o objetivo de documentar o que “a criança sabe e compreende, como pensa e aprende, o que é capaz de fazer, quais são os seus interesses” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.14) e também quais são os obstáculos à aprendizagem. Começa a fazer sentido para as Amas do CASM criar pequenas “memórias” sobre os percursos de aprendizagem e desenvolvimento das “suas” crianças, para melhor intervir.

Palavras-chave: observar, registar, amas.

O CASM: uma breve apresentação

O Centro de Actividades Sociais de Miratejo (CASM) é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. Fundada a 20 de maio de 1981, tem como objetivo o desenvolvimento de serviços na área social, mas também cultural, de formação, serviços administrativos e desportiva. A área geográfica de intervenção do CASM é a freguesia de Corroios, integrada no concelho do Seixal.

O principal objetivo do CASM consiste em apoiar as famílias no cumprimento das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração e participação social, contribuindo ainda para a criação de condições que possibilitem aos indivíduos o exercício pleno do seu direito de cidadania.

As principais respostas sociais do CASM centram-se na Creche Familiar e no Centro de Estudos. Relativamente à Creche Familiar, os serviços iniciaram-se há 35 anos, durante os quais tem vindo a apoiar um número significativo de Amas e famílias. Tem como objetivo fundamental proporcionar uma resposta menos institucionalizada, mais flexível e num ambiente familiar afetivo e equilibrado, possibilitando um desenvolvimento global e harmonioso às crianças.

Presentemente colaboram 14 Amas (acolhem 4 crianças cada uma, dos 3 aos 36 meses). As Amas são acompanhadas tecnicamente por duas educadoras enquadrantes, através de visitas domiciliárias e reuniões periódicas, com o objetivo de contribuir para a qualidade da intervenção com as crianças e respetivas famílias.

A trajetória de aprendizagens na creche familiar

Olhar!... Escutar!... Anotar!... para aprender mais sobre as crianças e sobre a intervenção diária, foi uma das dimensões do curso de formação “Construir práticas educativas 0-3 anos” que contribuiu para introduzir algumas mudanças na ação das Amas do Centro de Actividades Sociais de Miratejo (CASM). No presente artigo, pretendemos falar sobre a importância deste processo, que tem sido complexo e lento e que tem exigido um esforço acrescido para introduzir mudanças de postura. Contudo, registam-se alguns progressos, começam a ser dados os primeiros passos e, por conseguinte, a surgir os primeiros registos, com o objetivo de documentar o que “a criança sabe e compreende, como pensa e aprende, o que é capaz de fazer, quais são os seus interesses” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.14) e também quais são

os obstáculos à aprendizagem. Começa a fazer sentido para as Amas do CASM criar pequenas “memórias” sobre os percursos de aprendizagem e desenvolvimento das “suas” crianças, para melhor intervir, e é sobre os motivos pelos quais esta prática é tão importante que vamos falar em seguida.

As Amas, através do curso de formação que frequentaram, foram sensibilizadas para o facto de que observar não significa julgar, mas sim, procurar compreender a criança e que a observação é a base fundamental para uma intervenção educativa de qualidade. Nesse sentido, começaram a perceber que se torna indispensável documentar o que se observa, pois só assim se pode recolher e relacionar factos e comportamentos da criança, que sejam significantes, o que constitui o primeiro passo no processo de avaliação.

Ao observar e registar com intencionalidade educativa, a Ama passa a dispor de elementos que podem ser periodicamente revisitados e analisados, de modo a compreender o processo desenvolvido e os seus efeitos na aprendizagem das crianças.

De acordo com as autoras Jablon, Dombro & Dichtelmiller (2009), a observação pode ser utilizada para encontrar um ponto de entrada que nos permite construir o relacionamento com cada criança.

Muitas vezes questionamo-nos:

- Que problemas estará a criança a enfrentar?
- O que a faz sorrir?
- O que é que a criança faz bem?
- Sobre o que fala?
- O que desenha?

Nem sempre obtemos as respostas às questões que colocamos a nós próprias pelo que é necessário estarmos disponíveis para parar, olhar, de forma sensível, escutar e registar.

Os registos fornecem as informações que precisamos para tomar decisões sobre quando e como intervir e essas informações podem ser utilizadas no planeamento das rotinas e atividades diárias. A título de



exemplo, podemos referir que durante uma atividade de expressão plástica, mais precisamente de desenho, uma das Amas observou que a atenção de uma criança, com dois anos, estava mais direcionada para a exploração dos lápis de cor enquanto brinquedo, colocando-os e retirando-os da sua caixa, em vez de os utilizar para desenhar. Percebendo a motivação da criança, direcionou a sua ação para brincar com os lápis e explorarem, em conjunto, as cores dos lápis, nomeadamente a nomeação e identificação, bem como os conceitos dentro e fora. A Ama estava atenta, agiu de forma adequada, privilegiando o momento que foi muito significativo para a criança.

Em determinadas situações, a nossa observação deverá ser não participante, isto é, devemos estar atentas, apoiar a aprendizagem da criança, mas afastarmo-nos, deixar que ela experimente, que interaja com os materiais que a rodeia, que explore as suas características. O simples facto de a observarmos, de estarmos atentas, ajudar-nos-á a perceber se será necessário intervir e que estratégias devemos mobilizar.

À medida que passamos a conhecer as crianças, os seus interesses e necessidades, o nosso respeito e apreciação por elas aumenta e as nossas decisões sobre quando e como intervir, provavelmente, serão baseadas nos interesses e necessidades de cada uma. Essa é a essência de uma intervenção mais individualizada!

Os primeiros passos no processo de observar, registar e refletir foram dados e, em conjunto, construímos um documento onde registar essas ações. Partimos para esse “caminho” conscientes que o ciclo observar, registar e refletir são ações que devem acontecer de maneira articulada na rotina da criança, Encetamos, assim, o processo de documentar algumas aprendizagens das crianças, não obstante, podemos afirmar que não tem sido um processo fácil, as Amas têm conhecimento que observar é importante, mas a maioria não se vê como observadora efetiva, pelo que referem que, por vezes, se sentem incapazes de recolher os benefícios da observação. Alegam que não sabem o que escrever, atendendo que associam os registos às conquistas das crianças e, referem:

“por vezes não é visível o que as crianças aprendem e todos os dias a registar, parece-me que não tenho nada que seja muito importante”.

Ana Maria, entrevista, dezembro 2019

“tenho algum receio de registar sempre o mesmo, acabo por me repetir, não é nada fácil”.

Manuela, entrevista, dezembro 2019

“não quero referir só o que a criança não fez ou não sabe fazer e depois não sei bem o que registar”

Paula, entrevista, dezembro 2019

Contudo, também há testemunhos de que este processo tem vindo a contribuir para facilitar a comunicação com as famílias, uma vez que, como refere a Ama Elizabete:

“Temos mais informação sobre os seus filhos e acaba por ser muito bom porque podemos passar aos pais o que foi importante nesse dia, como é que o seu filho reagiu às atividades, o que fez, o que mais gostou, onde teve mais dificuldades... e também é muito engraçado falar sobre as conquistas, já deu o primeiro passo... comeu com o garfo.... tanta coisa... no fundo, temos mais coisas para dizer sobre os progressos dos seus filhos e acabamos por não nos esquecermos”.

Acreditamos que a observação cria uma postura de receptividade e de admiração, que permite que se conheça e se entenda as crianças com as quais se trabalha quotidianamente (Jablon, Dombro & Dichtelmiller, 2009).

Para que tal aconteça, as duas Educadoras Enquadrantes têm vindo a desempenhar um papel extremamente importante, atendendo que incentivam, motivam, explicitam o processo. Procuram que as Amas mudem de atitude, que deixem de fazer registos generalizados, como refere a Educadora Enquadrante Sofia (EES), a título



de exemplo: “estive bem-disposto”, “fizemos um jogo”, “fiz uma birra”. Acrescenta que “O que se pretende é que mudem de atitude e efetivem os registos do observado e se esforcem por escrever todos os dias e não esporadicamente”.

A equipa das Educadoras Enquadrantes, Sofia e Catarina, procuram, quotidianamente, incentivar as Amas para a prática do registo do observado, de forma a documentarem todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem de cada criança. Conscientes que têm obstáculos para ultrapassar, referem:

(...) “tentamos não “massacrar” as Amas. Sentimos alguma resistência, não é fácil dizer às pessoas que têm que passar a efetuar determinado procedimento, por considerarem que já têm muita experiência, sempre trabalharam bem e não querem perceber porque é que agora tem que ser diferente. Daí a ideia de começarmos apenas com o registo de uma frase por dia para cada criança. Ainda assim, nós técnicas, vamos transmitindo algumas ideias de estratégias que possam facilitar a tarefa e também alterámos a forma de fazer os nossos próprios registos das visitas domiciliárias, pois os mesmos são lidos e assinados pelas Amas e é uma forma de elas terem acesso a exemplos de como podem e devem registar. Uma das estratégias que sugeri foi que, quando observarem algo que considerem interessante registar, o escrevam, de imediato, num papel, que até pode andar no bolso, uma palavra relacionada com essa observação. Assim, ao final do dia, quando pensarem no que registar, têm a tarefa facilitada. Apesar de tudo, não posso deixar de reconhecer o esforço de algumas Amas que estão a trabalhar nesse sentido, da melhor forma que conseguem” (EES).

Conclusões de um processo focado e reflexivo

Podemos, assim, concluir que quando observamos, escutamos as crianças com mais cuidado, e, dessa forma, permite-nos tornar visível os seus progressos, revelar as suas aprendizagens e refletir sobre quem são as crianças e o que elas necessitam. Nesse sentido, é de extrema importância darmos continuidade à jornada de aprendizagem, para que sejamos cada vez mais capazes de identificar, compreender, respeitar e mostrar quem são as “nossas” crianças, o que sentem, o que aprendem e, acima de tudo, de que forma atribuem significados às suas experiências de aprendizagem.

Ousamos afirmar, ancorando-nos nas autoras Jablon, Dombro & Dichtelmiller (2009), que observar e registar pode ajudar a construir interações positivas, possibilitando conhecer as crianças – afirmamos que existem sempre novidades para aprender a respeito de uma criança. Devemos habituar-nos a fazer perguntas e a procurar as respostas nas nossas observações e registos, com o objetivo de obter um maior conhecimento da criança e podermos acompanhar o seu percurso; Respeitar e apreciar as crianças – elas têm uma grande capacidade para perceber os nossos sentimentos em relação a elas próprias. Observar pode ajudar a encontrar um ponto de entrada que possibilite a relação com as mesmas. Por fim, Promover a competência e o sucesso das crianças – quando observamos, obtemos informações que podem ajudar a decidir como e quando intervir, para que essas informações proporcionem às crianças a experiência de conseguirem fazer aprendizagens.

Face ao exposto, consideramos que faz todo o sentido afirmar: “Observar e Registar para melhor intervir!”

Referências bibliográficas

Jablon, J., Dombro, A., & Dichtelmiller (2009). O poder da observação: do nascimento aos 8 anos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Educação.



«Fazer para crescer...»

Amas: Anabela Alcaria, Arlete Menezes, Cristina Arsénio, Elisa Delgado, Elsa Fernandes, Lídia Fonseca, Teresa Reis

Técnicas de Enquadramento: Raquel Lameirinha **Formadora:** Vânia Azevedo

Resumo

A Creche Familiar é uma das quatro respostas sociais e educativas do Centro Infantil, um dos polos do Centro Comunitário da Quinta do Conde. Esta resposta foi criada em 1998, tendo atualmente sete Amas e 27 crianças.

O presente artigo pretende partilhar as práticas educativas que surgiram na resposta de creche familiar no decorrer da ação de formação desenvolvida pela Fundação Aga Khan, em parceria com a Associação de

Profissionais de Educação de Infância. A implementação de duas novas práticas – o Projeto de Ama e Reuniões de Pais por grupo – potenciaram uma maior participação das amas e técnica de enquadramento no diálogo com as crianças e famílias.

Palavras-chave: equipa, participação, desenvolvimento profissional.

Introdução

O Centro Comunitário da Quinta do Conde é uma Instituição Particular de Solidariedade Social e tem por lema “De pessoas para pessoas desde 1987”. A sua atuação rege-se por valores como o respeito, a transparência, a inovação, a dedicação, a responsabilidade, a solidariedade, a prevenção/intervenção precoce, a cooperação, a afetividade e o sigilo. Na área da educação de infância, a missão do Centro Comunitário é promover um conjunto de atividades por forma a cumprir objetivos sociais, educativos e culturais, focando-se verdadeiramente na individualidade de cada criança, reconhecendo a primazia das suas necessidades pedagógicas e emocionais, bem como de saúde e bem-estar.

A creche familiar é uma das quatro respostas sociais e educativas do Centro Infantil, um dos polos do Centro Comunitário, e foi criada em 1998 através de um acordo de cooperação celebrado com a Segurança Social. Esse acordo englobava 12 Amas e 48 crianças, sendo que, atualmente, a Creche Familiar é constituída por sete Amas e 27 crianças.

Em 2018, o grupo de amas participou na formação promovida pela Fundação Aga Khan, em parceria com a Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI), frequentando o curso “Construir Práticas Educativas 0-3”. A formação proporcionou novos desafios às amas, mas também à restante equipa, nomeadamente à

educadora enquadrante (técnica de enquadramento), ao terem identificado a necessidade conjunta de refletirem sobre dois aspetos-chave do trabalho desenvolvido na creche familiar: 1) o projeto pedagógico e 2) as reuniões de pais.

1) O projeto pedagógico, na medida em que o acompanhamento técnico assumia, até à data, a única autoria dos instrumentos de gestão e organização do quotidiano educativo, sendo partilhado com as amas apenas nas reuniões de pais;

2) As reuniões de pais, por serem momentos liderados somente pela educadora enquadrante, reunindo, semestralmente, com todas os pais e encarregados de educação e tendo como único propósito transmitir informações gerais sobre o funcionamento da creche familiar.

Abraçar novos desafios e efetivar mudanças

Tendo como intento os dois focos de mudança enunciados, deu-se início a um processo colaborativo, reflexivo e dialógico em articulação com a formadora do curso. Este processo permitiu não só um aprofundamento dos conteúdos curriculares do Curso “Construir Práticas Educativas 0-3”, como também a sua devida contextualização e adaptabilidade à prática profissional das formandas.

O projeto pedagógico da creche familiar e o plano anual de atividades englobavam todas as amas e crianças, sem

especificação concreta das necessidades individuais de cada criança ou grupo, e, semestralmente, a educadora cooperante avaliava a concretização dos objetivos e das atividades realizadas. Foi difícil a mudança, mas através da proposta de Plano de Trabalho Educativo (Brazinha, Furtado, Almeida e Varela, 2017), a equipa compreendeu os benefícios de envolver mais as famílias em todo o processo educativo, assim como a importância de dar maior visibilidade à sua prática profissional. A participação na referida ação de formação veio trazer uma abertura a novos horizontes pedagógicos. A equipa passou a auscultar as necessidades de cada grupo de crianças, (re)construindo práticas educativas com o verdadeiro envolvimento das profissionais. Esta escuta traduziu-se, assim, na criação do Projeto de Ama, documento da autoria de cada ama e que passaria a sustentar o Projeto Pedagógico da Creche Familiar 2018-2019, intitulado “Fazer para crescer...”.

A implementação do Projeto de Ama na instituição constituiu-se no primeiro exercício conjunto de reflexão e construção de um instrumento de gestão, implicando o contributo de toda a equipa. Permitiu que todas as amas construíssem o seu próprio projeto em adequação ao seu grupo e contexto educativo.

Centrando-se em questões como “Quem é a ama?” e “Quem é o grupo de crianças?”, o projeto descreve como se caracteriza o espaço onde a ama desenvolve o seu trabalho, qual a rotina diária, como é composto o grupo de crianças e quais os seus interesses e necessidades individuais e coletivas. Cada um destes pontos foi trabalhado e refletido ao longo da formação. Também foi analisado, discutido, e posteriormente reconstruído, o documento de planificação, objetivando-se torná-lo num documento mais funcional para as profissionais, permitindo planificarem em articulação com as áreas de aprendizagem (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016) e a avaliação do bem-estar (Laevens, 1994) de cada criança, assegurando, assim, a satisfação das suas necessidades.

Estes registos possibilitam a monitorização do processo de aprendizagem de cada criança.

De referir que, inicialmente, a equipa sentiu algumas dificuldades em registar as suas ideias sobre o que queriam realizar:

A minha grande dificuldade foi esquematizar o que é mais importante.

Lídia Fonseca, entrevista, dezembro 2019

Todavia, atualmente, as amas já se sentem mais confiantes e já alargam o leque de oportunidades de aprendizagem oferecidas às crianças, algo que se verifica também pelo hábito recente de requisitarem material para as atividades a realizar. As amas passaram a ter cada vez mais uma voz ativa. Mesmo a passagem de informação aos pais, passou a ser sustentada pelos registos e documentos co-construídos (amas e técnicas).



A implementação do Projeto de Ama na instituição constituiu-se no primeiro exercício conjunto de reflexão e construção de um instrumento de gestão, implicando o contributo de toda a equipa. Permitiu que todas as amas construíssem o seu próprio projeto em adequação ao seu grupo e contexto educativo.



Neste processo de desenvolvimento profissional que se considera contínuo, perspectiva-se a construção de portfólios, realçando assim as competências de cada criança, levando os pais a valorizar os saberes dos seus filhos, narrando as suas jornadas de aprendizagem. Como explica Parente (2012), “documentar é a forma simples de narrar as experiências e atividades que a criança realiza no quotidiano.” (p.13). Esta premissa é enfatizada por Oliveira-Formosinho (2007) ao referir que “a observação e a escuta ativa da criança realizada durante as atividades e interações do dia-a-dia e registada sob a forma de narrativa e outras evidências tornam possível desenhar uma imagem do que a criança faz e como faz, que pode ser partilhada com outras pessoas, nomeadamente com os pais” (p.6). “Avaliar consiste na recolha da informação necessária para tomar decisões sobre a prática” (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.15)

Este saber leva os pais a compreenderem que a ama dos seus filhos promove um cuidar ético (Lopes da Silva,

Marques, Mata e Rosa, 2016), uma intencionalidade educativa que permite apoiar o desenvolvimento e a aprendizagem dos seus filhos.

“A intencionalidade educativa do trabalho da Ama integra a sua capacidade em escutar a criança, em integrar cuidados e educação e em valorizar a forma lúdica de aprender” (Brazinha, Furtado, Almeida e Varela, 2017, p. 56).

A partilha do documento-chave com as famílias provocou reações de enorme satisfação, conforme atesta uma das encarregadas de educação:

A ama esteve a apresentar o projeto baseado nas necessidades do nosso grupo de crianças. Falámos de assuntos de educação, desenvolvimento e bem-estar das nossas crianças. A ama apresentou o plano de trabalho do meu filho, para o ajudar a crescer e desenvolver.

Olga Fedorenko, entrevista, dezembro 2019

Outro dos focos foi a passagem da responsabilidade total da educadora enquadrante para a ama, desafiando-a a assumir o papel de dinamizadora das reuniões de pais. As reuniões passaram a ser individuais, ou seja, envolvendo apenas cada ama e as famílias (encarregados de educação) do seu grupo de crianças.

A educadora demonstrou que éramos capazes de dinamizar as reuniões de pais por termos um melhor conhecimento da criança. Senti-me muito feliz no papel de dinamizadora, pois senti-me mais confiante e aprendi a valorizar ainda mais o meu trabalho, dando conhecimento aos pais do projeto que eu construí e o que irei desenvolver com cada criança ao longo do ano.

Elisa Delgado, entrevista, dezembro 2019

Ao ser atribuída às amas a responsabilidade de dinamizar as reuniões de pais com o acompanhamento e apoio da técnica enquadrante, a instituição promoveu uma maior valorização e confiança no trabalho desenvolvido por cada ama. As famílias passaram a conhecer melhor o trabalho da creche familiar o que potenciou uma maior aproximação. Desta forma melhorou-se a própria comunicação e relação com os pais. A presença e participação dos pais nestas reuniões aumentou significativamente derivado do facto de todos os assuntos apresentados e discutidos passarem a ser somente referentes aos seus filhos e ao trabalho desenvolvido pela ama. Nas auscultações feitas aos pais pudemos verificar a importância dada às reuniões:

Acho que as reuniões de pais com a ama e educadora fazem todo o sentido. Tiramos dúvidas, colocamos questões e fortalecemos a nossa ligação que é muito importante. O projeto que a ama apresentou está bem delineado. É muito importante trabalharmos em conjunto e está bem colocado ao grupo de crianças que tem.

Ana Rita Lobo, entrevista, dezembro 2019

As reuniões de pais para mim são muito importantes. É necessário os pais terem uma avaliação global do desenvolvimento do seu filho, por mais que a ama nos diga todos os dias aquilo que eles fazem. O projeto (da ama) está muito bem organizado e adequado a todos os meninos e os seus parâmetros de desenvolvimento.

Patrícia Gonçalves, entrevista, dezembro 2019

Conclusões finais

Este processo formativo trouxe uma maior capacitação à equipa da creche familiar que prosperou através do Projeto de Ama. A co-construção deste um instrumento de orientação global para a sua ação educativa permitiu dar voz ao trabalho de cada ama, assim como incentivar um maior envolvimento dos pais nas reuniões e no quotidiano educativo através de uma comunicação mais relacional entre amas e pais. Os pais avaliaram este momento como mais objetivo e focado nos interesses e necessidades dos seus educandos e na relação e interação com a Ama.

Assim, podemos afirmar que todos os envolvidos – amas, educadora enquadrante, crianças e pais – têm preconizado uma jornada de aprendizagem, conjunta e contínua, assente no desenvolvimento de boas práticas e na prestação de um serviço inovador e de excelência.

Apesar da vulnerabilidade sentida inicialmente, tanto no processo de construção do Projeto de Ama, como na preparação e dinamização das reuniões pais, a equipa considera ter sido capaz de ultrapassar os desafios iniciais para alcançar uma melhoria do serviço que presta diariamente, uma melhoria assente na sua própria valorização profissional e pessoal.

Referências bibliográficas

- Brazinha, M., Furtado, A., Almeida, S. & Varela, C. (2017). Guia para Amas e outros cuidadores. Lisboa: Fundação Aga Khan.
- Carvalho, C.M. & Portugal, G. (2017). Avaliação em Creche. Porto: Porto Editora.
- Lopes da Silva, I. (coord); Marques, L; Mata, L; Rosa, M. (2016) Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Oliveira-Formosinho, J.; & Araújo, S. B. (2013). Educação em Creche: participação e Diversidade. Porto: Porto Editora.
- Parente, C. (2012). Observar e escutar na Creche para aprender sobre a criança. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.



**O espaço exterior.
À descoberta do mundo.**

Amas: Emília Santos, Isabel Ferreira, Clara Ferreira, Anabela Nogueira

Técnicas de Enquadramento: Lara Figueira e Liliana Ferreira

Resumo

Na Creche familiar da Bela Vista as experiências no espaço exterior e ao ar livre fazem parte do dia-a-dia. Os estímulos existentes nos espaços ao ar livre permitem diferentes explorações e atividades, desenvolvendo a curiosidade e o ímpeto exploratório. O que a natureza oferece de forma espontânea desperta, naturalmente, o interesse da criança.

Estas oportunidades ajudam a criança a Ser, a Estar, a construir, a criar, acima de tudo, a tornar-se PESSOA.

Pretendemos, neste texto, espelhar como os momentos de descoberta do mundo no espaço exterior, planeados de forma intencional pelas amas, são momentos privilegiados para o processo de observação, registo e documentação. Observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação para futuros planeamentos da nossa prática.

Palavras chave: espaço exterior, observar, planear, registar.

Introdução

A Bela Vista – Centro Educação Integrada de Águeda tem como propósito ser uma IPSS de referência na comunidade, continuando a responder às necessidades das crianças, jovens e famílias em geral, e das Pessoas e Grupos fragilizados em particular, prestando serviços de Qualidade, no sentido de contribuir para o desenvolvimento social do Concelho. Pretendemos continuar a responder a novos desafios, proporcionando respostas sociais enquadradas nas necessidades da comunidade, dos seus utentes, mas também dos colaboradores.

Os nossos Valores são: Tolerância, Humildade, Persistência, Compreensão, Responsabilidade, Esperança, Aceitar e respeitar as diferenças, Sonhar, Viver na alegria, Criticidade, Disponibilidade à mudança, Justiça, Abertura ao novo, Curiosidade. “O Sol, os Amigos, e... a Escola são de Todos” é a nossa premissa.

Prestamos um serviço destinado ao acolhimento de crianças com idades inferiores a três anos, num ambiente familiar, considerado por alguns pais como o melhor sucedâneo da família.

A creche Familiar possui quatro amas, cada uma responsável por quatro crianças. As educadoras têm a função de promover encontros de reflexão com as amas, sendo definidos papéis, objetivos e atividades para a promoção do desenvolvimento das crianças.

Consideramos a Creche familiar da Bela Vista um ambiente natural, investindo na participação em ações de formação promotores do crescimento e do desenvolvimento profissional de todos.

As crianças frequentam o ambiente familiar da sua ama. Esta, por sua vez, responde de maneira segura, com afeto, proporcionando-lhes experiências diferentes no dia-a-dia. Faz parte dessas experiências o contacto com o espaço exterior, os elementos naturais, e os brinquedos não estruturados.

Três amas vivem em contextos rurais, duas das quais possuem pequenos espaços naturais em redor das suas habitações. Uma vive no centro da cidade. Todas procuram ir ao encontro das necessidades e interesses das crianças, trazendo e promovendo os elementos naturais. O brincar é considerado uma prática natural por excelência.



Enquadramento teórico

Os grupos de crianças de cada ama são heterogéneas, não só ao nível da idade, mas também ao nível do desenvolvimento. Comportam uma faixa etária dos 3 meses aos 36 meses. Esta faixa etária é, sem dúvida, uma das mais importantes da vida da criança. A criança tem uma aprendizagem mais pormenorizada e acelerada, ou seja, absorve rapidamente todos os estímulos para o seu desenvolvimento.

Como refere Gordon (2003), “aquilo que uma criança aprende durante estes primeiros cinco anos de vida forma os alicerces para todo o subsequente desenvolvimento educativo” (p. 3). Deste modo, é importante definir, pensar, avaliar e refletir acerca dos objetivos e das aprendizagens que queremos que as nossas crianças adquiram, indo ao encontro das necessidades de todas.

As amas têm um papel fundamental nesta promoção do desenvolvimento da criança, tendo sempre em atenção o interesse e a necessidade da criança, não esquecendo a segurança e o bem-estar, fatores importantes para o seu desenvolvimento.

Os espaços naturais, bem como os elementos naturais, fazem parte das experiências de aprendizagem das crianças. As amas não só favorecem experiências ao ar livre, bem como o contacto diretamente com elementos naturais (como por exemplo, ramos de árvores, terra, areia, entre muitos outros, assim como experiências centradas nas atividades do campo – colheitas).

O espaço exterior é facilitador de aprendizagens pelas crianças e este assume uma dupla função, pois possibilita

a vivência de situações educativas intencionais e a realização de atividades informais. O espaço exterior torna-se num espaço educativo que é aproveitado para proporcionar uma diversificação de oportunidades educativas, ao “ar livre”, proporcionando uma maior motivação e aprendizagem das crianças. Nesses contextos elas exploram e recriam o espaço tendo como base os materiais que lhes são disponíveis. Para além disso, o espaço exterior serve para a socialização de aventuras e brincadeiras em que a atividade motora assume um papel muito importante.

O brincar é uma atividade natural e espontânea. Através do brincar a criança desenvolve várias competências, nomeadamente a nível emocional, social e cognitivo.

Os brinquedos não estruturados são os mais apreciados pelos grupos de crianças e promovem a curiosidade e o ímpeto exploratório. Conforme Figueiredo (2007), “As crianças exploram e brincam com objetos ou materiais muito apelativos em termos sensório-motor: pessoas, objetos domésticos, materiais naturais, elementos macios e fofos, objetos de preensão fácil, materiais que se apertam e que sejam, coisas que elas consigam movimentar (...)” (p. 10).

A formação é essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo. Esta não só ajuda a refletir, como também a trazer novas ferramentas para auxiliar no processo de crescimento e aprendizagem da criança. Indo ao encontro das práticas, surge a necessidade de observar, registar e planear e de dar intencionalidade às ações. A observação permite aos cuidadores compreender a criança, perceber o nível de envolvimento, de bem-estar e de implicação na atividade que esta tem. Este olhar sobre



Os espaços naturais, bem como os elementos naturais, fazem parte das experiências de aprendizagem das crianças. As amas não só favorecem experiências ao ar livre, bem como o contacto diretamente com elementos naturais (como por exemplo, ramos de árvores, terra, areia, entre muitos outros, assim como experiências centradas nas atividades do campo – colheitas).

a formação pressupõe a emergência de criação de um sistema de formação contínua que permita aos cuidadores atenuar as dificuldades e características das crianças, potenciando assim o seu desenvolvimento. “...a formação contínua deve ser concebida como uma das componentes fulcrais de mudança, tornando-se urgente de criar novas formas de intervenção pedagógica de modo a promover a reflexão necessária para esta consciência de emergente mudança” (Madanelo, 2010, p. 79)

Os registos, sejam descritivos ou fotográficos, tornam-se fundamentais no processo da observação, pois é a partir destes que refletimos sobre os interesses da criança, medos e dificuldades. A reflexão é importante para um novo planeamento da ação e consequente aprendizagem

da criança. “Muitas vezes, aquilo que a Natureza oferece, de forma espontânea e imprevisível, torna-se mais interessante para as crianças do que objetos fabricados, plásticos e com um fim predefinido.” (Bilton, Bento & Dias, p. 48).

Foi essa a aprendizagem que fomos fazendo, no olhar para o espaço exterior e aprendermos a estar de outro modo, que nos foi permitindo observar as expressões da criança e fazer a leitura de conceitos e de saberes e a consciencializarmo-nos de que elas estão a crescer e a aprender. Esta atenção ensina-nos que a criança está mais envolvida, mais focada e mais disponível para aprender.

“Ai o vento leva o meu cabelo pelo ar e o teu também, Mila!” – as experiências no espaço exterior fazem com que as aprendizagens das crianças sejam mais ricas e diversificadas, promovendo nestas um maior interesse pelo mundo que a rodeia.

“Quando o galo cantou o Vasco, o Duarte e o Daniel imitaram o cocorocó” – o contacto com estes espaços potencia o desenvolvimento das crianças no seu todo, verificando-se maior crescimento de si e dos outros, dando lugar ao cuidado com este, respeito pela sua individualidade e fomentando as relações afetivas, alicerces essenciais para um desenvolvimento harmonioso.

“... trouxe um ramo de cerejas para dentro de casa” – estas experiências contribuíram para valorizar a importância da observação da criança nos seus contextos diários, tornando-se “uma mais valia para o conhecimento dos seres que temos ao nosso cuidado”.

Conclusões

A formação “Construir práticas educativas 0-3” veio trazer um novo olhar para a ação diária de todos os envolvidos educativos.

Concluimos que os espaços exteriores são ricos em estímulos para o desenvolvimento global da criança. O brincar é a ferramenta principal e natural para a aprendizagem da mesma, bem como os brinquedos não estruturados, permitindo-lhes a liberdade para brincar, criar, imaginar.

“A avaliação faz parte da ação dos profissionais de educação de infância e deve fornecer informações importantes para a melhoria das suas práticas pedagógicas” (Carvalho & Portugal, 2017, p. 23). Assim, a avaliação é uma ferramenta importante que ajuda a perceber o bem-estar e a implicação que a criança tem no momento, assim como a compreender melhor o seu processo de desenvolvimento.

De uma forma geral, tem-se mais consciência da implicação das escolhas e das ações na vida e desenvolvimento da criança. Dá-se maior atenção à observação e ao registo. Percebe-se a importância da avaliação e do planeamento das atividades para ir ao encontro do interesse e da necessidade da criança.

Os espaços exteriores ganharam intencionalidade pedagógica para o desenvolvimento de competências.

As amas, também elas, ganharam uma maior consciência sobre o seu papel, sobre o seu impacto na vida do outro, reconstruindo-se como profissional e valorizando o que de fato é essencial para a sua prática.

Referências bibliográficas

- Bilton, H.; Bento, G. & Dias, G. (2017). *Brincar ao Ar Livre*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, C. M.; Portugal, G. (2017). *Avaliação em creche: crescendo com qualidade*. Porto: Porto Editora.
- Figueiredo, M. A. R. (2007). *Aprendizagem activa na creche*. Lisboa: Bola de Neve.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Madaleno, O. M. C. O. (2010). *Formação Contínua de Professores dos 2.º e 3.º ciclo do ensino Básico: (re) qualificação de competências*. Tese para obtenção de grau de doutor em Didática. Aveiro: Universidade de Aveiro.



**Creche familiar: uma alternativa
com qualidade.**

Técnica de Enquadramento: Fátima Cipriano

Resumo

Sendo consensual que a qualidade dos cuidados educativos que são prestados às crianças, na faixa etária dos 0 aos 3 anos, influencia o seu desenvolvimento futuro, a ABLA tem como prioridade a promoção de serviços de qualidade na creche e creche familiar.

Neste artigo, pretende-se relatar a consolidação de experiências de trabalho vividas pelos profissionais, crianças e famílias, realçando a importância da construção de um ambiente de bem-estar, apoio, interajuda, respeito e valorização enquanto fatores essenciais para a aprendizagem de todos os intervenientes.

Palavras chave: qualidade, desenvolvimento profissional, participação, compromisso.

Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo contribuir para o debate e a reflexão em torno da importância e da necessidade de se construírem práticas alternativas de qualidade para a primeira infância, especificamente para as crianças pequenas dos 0 aos 3 anos.

O trabalho surge na sequência do curso de formação "Construir práticas educativas 0-3", promovido pela Fundação Aga Khan Portugal e incide sobre o trabalho desenvolvido na creche familiar da Associação de Beneficência Luso-Alemã (ABLA) Parede, cruzando a perspetiva das amas e dos pais.

A recolha dos dados obedeceu aos princípios éticos e deontológicos garantindo-se o consentimento voluntário e informado dos participantes. No que respeita aos direitos de confidencialidade e de anonimato os participantes preferiram abdicar desses direitos de forma esclarecida e livre.

A creche familiar da ABLA Parede: um compromisso com as famílias e a comunidade

A Associação de Beneficência Luso-Alemã (ABLA) foi criada em 1984 e presta serviços de apoio à criança e à família, na área da educação, através de várias repostas sociais de creche, creche familiar, educação pré-escolar e componente de apoio aos tempos livres (CATL).

Em setembro de 2017 inicia-se a ABLA Parede com os serviços de creche, creche familiar e educação pré-escolar, permitindo dar resposta às necessidades de várias famílias e da comunidade.

A creche familiar rege-se pelos mesmos valores e princípios da instituição cuja missão é assegurar o bem-estar e o desenvolvimento das crianças dos 3 meses aos 6 anos, com empenho, excelência e partilha de cuidados com a família, fortalecendo o seu processo evolutivo e promovendo a sua plena inclusão na sociedade. Subjacente a esta missão está o desígnio de que é fundamental desenvolver um trabalho que permita a todas as crianças alcançar plenamente todas as suas potencialidades e participar na construção de uma sociedade mais justa.

A creche familiar: um contexto securizante e personalizado

A investigação educacional e os mais recentes estudos das neurociências salientam a importância de programas de qualidade na educação de infância para a promoção de uma maior igualdade de oportunidades, com benefícios para a vida pessoal e escolar das crianças. Na perspetiva de Brazinha, Furtado, Almeida e Varela (2007) a qualidade dos cuidados e das interações nos anos de vida são cruciais para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Correia (2019) refere que a criança pequena, além de cuidados, também necessita (...) de estar envolvida em situações educativas que



promovam o seu desenvolvimento intelectual, social, emocional e corporal, tendo sempre presente que a construção do saber se realiza de forma articulada, isto é, assume uma ‘configuração holística’, tanto na atribuição de sentido em relação ao mundo que a rodeia, como na compreensão das relações que estabelece com os outros e na construção da sua identidade (p.16).

Na ABLA Parede, parte-se do pressuposto de que a qualidade da creche familiar tem subjacente a ideia que o desenvolvimento e a aprendizagem são “vertentes indissociáveis do processo evolutivo da criança” (Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), devendo realizar-se “num contexto reconfortante, amável e alegre que promove o bem-estar” (Brazinha, Furtado, Almeida & Varela, 2017, p. 6).

Para Post e Hohmann (2003), o envolvimento das crianças pequenas com adultos atentos e respondentes, em ambientes interessantes e desafiantes, proporciona-lhes uma base segura para experienciar e interpretar o mundo. As autoras acrescentam que “as explorações e as interações precoces dos bebés com pessoas ou materiais exercitam e fortalecem as sinapses que irão utilizar para o resto da vida” (p.24).

É neste sentido que, na ABLA Parede, procuramos criar diversas formas de participação ativa das famílias das crianças no seu processo de aprendizagem. As amas da creche familiar promovem e desenvolvem junto das famílias sentimentos de confiança sobre o contexto educativo no qual as crianças estão integradas.

Desenvolvimento

Na ABLA assumimos uma perspetiva pedagógica inspirada no Movimento Escola Moderna porque acreditamos que “pela partilha de identidades e experiências individuais, tornamo-nos semelhantes participando de um “lugar-comum” que construímos pela força solidária da partilha e que, assim, nos acolhe e fortalece como comunidade” (Folque & Bettencourt, 2015, p.24). Neste sentido, ao longo do ano, foram sendo criados momentos de encontro e de interação entre a creche, a creche familiar e toda a instituição proporcionando-se às amas, às crianças da creche familiar e às suas famílias diversas oportunidades de participarem e de usufruírem de atividades e de experiências diferenciadas, tais como, teatro para bebés, dia ao ar livre (piquenique e piscina), dia da criança, entre outras. Estes momentos possibilitaram a interação entre todas as crianças, num espaço diferente e com vivências e experiências diversificadas. Estes momentos constituíram-se ainda em momentos de encontro e de interação entre os profissionais.

As famílias das crianças são parte integrante desta de interações. Este desejo de aproximar as famílias à instituição de enquadramento foi, desde sempre, um dos nossos grandes objetivos. Por isso, ao longo do ano, são dirigidos vários convites às famílias incentivando-as a participar nas atividades comuns a toda a instituição. Esta participação é visível em diversos momentos, de entre os quais se salientam, as reuniões de pais, a festa de Natal e a de final de ano, os Encontros de pais realizados com oradores convidados e as aulas abertas de música.

Na creche familiar da ABLA Parede as amas têm consciência do papel que desempenham na vida das crianças e das suas famílias. Célia Barbosa, que é ama há mais de



30 anos, dá-nos um testemunho vibrante da importância e do significado deste papel quando afirma:

Ser ama é, além de criar e educar numa primeira instância, também desenvolver competências nas crianças. Quando começam a ter consciência da realidade que os rodeia, ajudá-los a crescer e adquirir cada vez mais capacidades físicas e cognitivas, tornando-se cada vez mais independentes. Quando anos mais tarde me visitam e vejo nas pessoas que se tornaram, fico muito feliz por ter feito parte do seu desenvolvimento”,

Célia Barbosa, entrevista, dezembro, 2019.

O cuidado para com o próximo, o compromisso e respeito pela e para com as famílias e a comunidade, com quem estamos diretamente envolvidos, leva-nos a uma preocupação, uma capacitação para dar uma resposta mais adequada e para servir com excelência, zelo e motivação.

As famílias da creche familiar da ABLA Parede reconhecem a importância de uma parceria com um profissional atento, recetivo e plenamente comprometido com o seu filho, algo que parece gerar sentimentos de maior proximidade, de estreitamento das relações e de satisfação. De facto, os gestos de agradecimentos que, muitas vezes manifestam, são um excelente indicador de que a creche familiar é uma alternativa que assenta na confiança, na segurança e no respeito mútuo. O testemunho de Diana Moreira, a mãe de gémeos de 2 anos, que também frequentam a creche familiar da ABLA, é um testemunho carregado de gratidão que, na nossa perspetiva, só é possível em contextos de bem-estar e de respeito mútuos:

Obrigada é a palavra que me vem à cabeça quando penso em creche familiar, principalmente na minha querida Célia. Obrigado pela paciência, acompanhamento, amor e carinho que foi dado durante este tempo

todo. Creche familiar é como o nome indica a formação de outra família com todos os medos, frustração e tudo mais. Recomendo o mais possível a creche familiar, vejo o crescimento, evolução e muito carinho nos meus filhos. Esta preocupação mútua de cuidar e ser cuidado conduz-nos ao pensamento de João Gomes-Pedro (2017) quando refere a cascata de cuidados como sendo “uma complexa rede de suporte e interações”.

Esta rede exige, simultaneamente, sensibilidade e compreensão do outro. Como nos diz a ama Célia Barbosa:

Realiza-me muito assistir ao desenvolvimento das crianças que me são confiadas. Ver como crescem, os primeiros sorrisos, as primeiras palavras, os primeiros passos. Ajudá-las a alcançar cada etapa do seu crescimento, podendo partilhar estas alegrias com os pais. Como mãe que sou, compreendo, o quão difícil é deixar um filho ao cuidado de alguém que, na maioria das vezes, nem se conhece, as inquietações inerentes. Quando mais tarde, sinto que vão descansados, que confiam em mim, que vêm como as crianças ficam contentes em cada manhã ao chegarem, fico logo com o coração preenchido de satisfação ao pensar que cumpri com o que me é pedido.

Este reconhecimento e esta compreensão da creche familiar como uma teia de relações e de interações está também muito presente na forma como as famílias se expressam em relação também ao trabalho de colaboração e à intencionalidade pedagógica, que a técnica de enquadramento desenvolve junto das amas. O testemunho da Diana Moreira é um exemplo disso:

Não esquecendo também a Fatinha [técnica de enquadramento] que tem feito um acompanhamento fantástico ajudando a Célia [ama] a ser uma profissional fantástica para além de ser um ser humano que pouco vi durante os meus 28 anos. Mais uma vez obrigada.

Os testemunhos destas famílias e destas amas revelam que a atividade desenvolvida pela ama, na sua própria habitação, não se resume apenas ao suprimento da satisfação das necessidades básicas tais como afeto, alimentação, higiene, repouso e segurança mas, e de igual modo, visa o desenvolvimento e a concretização de atividades com intencionalidade pedagógica, que conduzem ao desenvolvimento holístico de cada do grupo.

Através de experiências novas e variadas as crianças experimentam, num ambiente familiar, acolhedor e favorável, uma variedade e multiplicidade de atividades pedagógicas que têm em conta as características específicas de cada criança que está em contexto de Creche Familiar.

Em conjunto com a técnica de enquadramento, assegura-se esta multiplicidade de experiências, através da realização de atividades de expressão plástica, rasgagem/colagem, pintura, exploração de utensílios variados, desenho livre, modelagem, danças, jogos, puzzles, jogos de encaixe, construções com legos, exploração de livros, canções, histórias, lengalengas, comemoração de datas festivas, etc.

Para a criança, a criação de um laço privilegiado com um adulto atento e responsivo permite-lhe sentir-se segura e confiante. Para os pais, a criação desses laços permitem-lhes passar de uma atenção focada na qualidade dos cuidados básicos, como a alimentação, a saúde e a segurança, para a incorporem a qualidade das interações (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2009).

Considerações finais

Vivemos num mundo altamente complexo que retira às famílias tempo para as suas crianças. É necessário que o Estado, a sociedade em geral, a comunidade e as instituições ligadas à infância apoiem as famílias e as ajudem a encontrar soluções. É também fundamental continuar o debate acerca de formas alternativas de atendimento às crianças até aos três anos, ou à entrada na educação pré-escolar. A creche familiar é uma resposta social que, indubitavelmente carece de mais visibilidade e de mais empenho.

Os testemunhos aqui partilhados fazem-nos acreditar que vale a pena o esforço acrescido de cada instituição para acolher a creche familiar como uma resposta alternativa no atendimento de qualidade às crianças e às famílias e como forma de responder às exigências do mundo atual, que as famílias e as comunidades enfrentam.

É interessante observar que na ABLA as famílias das crianças se envolvem na educação das suas crianças assumindo um papel ativo e participativo. É também importante sublinhar que a creche familiar veio proporcionar outro tipo de escolhas às famílias, que podem optar com segurança por um serviço legalmente enquadrado, que garante o direito das crianças ao bem-estar e ao seu desenvolvimento holístico.

Agradecimentos

Num contato direto e tão próximo com as famílias que deixam diariamente as crianças na casa das amas, facilmente se observa que os momentos de acolhimento ou da partida das crianças, envolvem não somente a uma mãe ou ao pai, mas também se estendem ao núcleo familiar mais extenso, como os avós e/ou os tios que se tornaram parceiros desta causa, com benefício para as crianças. É importante lembrar e agradecer também o núcleo familiar da ama que, por vezes, são tão esquecidos e tão pouco valorizados. Trata-se da família direta das amas que, no dia-a-dia, se empenha e se envolve disponibilizando-se para proporcionar momentos únicos e tão significativo, como por exemplo, colocar um baloiço no jardim para as crianças usufruírem de momentos de prazer e de bem-estar.

Referências bibliográficas

- Araújo, S. (2017). Perspetivas pedagógicas para a educação em creche: princípios convergentes e implicações para a prática. *Cadernos de Educação de Infância*, nº112,104,112.
- Bairrão, J. & Tietze, W. (1995). *A educação pré-escolar na união europeia*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Brazinha, M., Furtado, A., Almeida, S. & Varela, C. (2017). *Guia para Amas e outros cuidadores*. Lisboa: Fundação Aga Khan.
- Correia, I. (2019). Pensar e dizer as especificidades de uma proposta pedagógica para a creche. *Cadernos de Educação de Infância*, n.º 117, 15-18.
- Folque, A., Bettencourt, M. & Ricardo, M. (2015). A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM. *Editorial Escola Moderna*, 3, 6ª. série, 13-34.
- Gomes-Pedro, João (2017): *Pensar a criança sentir o bebé*. Lisboa: Zero a Oito.
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação de Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2013). *Educação em creche: participação e diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2018). *Modelos pedagógicos para a educação em creche*. Porto: Porto Editora.
- Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em infantários*. Lisboa: Fundação Gulbenkian.

Legislação

- Decreto-Lei n.º 115/2015, de 22 de junho. Retirado de: http://www.seg-social.pt/documents/10152/12527552/DL_115_2015.pdf/3d3cfc7d-4aa0-43c9-ae8a-1d539e065cad
- Portaria n.º 232/2015, de 6 de agosto. Retirado de: http://www.seg-social.pt/documents/10152/12471680/Port_232_2015.pdf/1bfa4fcf-279d-4c75-bb41-ac8843c6de59



A creche é-nos familiar.

Diretora: Ana Cristina Bernardo

Técnicas de Enquadramento: Teresa Ramos

Resumo

A TorreGuia desenvolve serviços de educação não formal, destinados à infância e às famílias, em parceria com o ISS-Instituto de Segurança Social (Creche e Creche Familiar) e o Município de Cascais (Atividades de Animação e Apoio à Família para o pré-escolar e Ludoteca), e emprega 20 profissionais de educação, animação e intervenção social, contando com uma rede de parceiros que se lhe associam e prestando serviços a cerca de 200 crianças e jovens, e suas famílias, desde os 4 meses até aos 16 anos.

A Creche Familiar chega à TorreGuia em 2007-2008 com 8 amas e 32 crianças através de um Acordo de

Cooperação assinado com o Instituto de Segurança Social do Ministério do Trabalho e Solidariedade Social e é a partir daí integrada na resposta social de creche que assegura a sua supervisão técnica.

O presente artigo pretende partilhar as práticas desenvolvidas em Creche Familiar no decurso de iniciativas e projetos promovidos pela instituição, e de oportunidades de formação contínua, capacitação e valorização profissional, e a sua articulação com o curso "Construir Práticas Educativas 0-3", promovido pela Fundação Aga Khan Portugal.

Palavras chave: equipa, planificação, interatividade.

Introdução

A TorreGuia, constituída em 2000, direciona a sua intervenção a todo o concelho de Cascais.

A creche é a sua principal valência e destina-se às crianças dos 0 aos 3 anos. Desenvolve um projeto pioneiro e inovador que privilegia as atividades ao ar livre e o contacto com a natureza, visando a educação para a cidadania ecologicamente responsável, apostando na formação e numa intervenção social integrada com crianças, jovens, famílias e comunidades.

A missão e os valores da TorreGuia

A Missão da Creche da TorreGuia é assumida de igual forma pela Creche Familiar por se tratar de respostas sociais semelhantes e destinadas à mesma faixa etária.

Contribuir para o pleno e integral desenvolvimento das crianças e para a valorização dos seus contextos sócio afetivos, em cooperação com as famílias, num contexto positivo de afeto, segurança e oportunidade de exploração e aprendizagem de forma ativa e responsável.

Um conjunto de Valores sustentam os serviços prestados diariamente a crianças e famílias:

- A afetividade como forma de garantir desde uma idade precoce a vivência de um ambiente caloroso que permita à criança ser livre nas suas explorações e genuína nas suas atitudes, bem como tornar-se um adulto responsável, caloroso e autónomo.
- O respeito pelo indivíduo como forma de agir com cada um, de acordo com as suas especificidades, contribuindo, através da multiplicidade de saberes e de experiências, para um crescimento de todos.
- O Otimismo como forma de encontrar novas forças, outros olhares, mudanças de rumo nos insucessos e dificuldades, em busca de um verdadeiro e saudável bem-estar.
- O trabalho em equipa como forma de otimizar as potencialidades individuais dos colaboradores, de maximizar a criatividade e de criar um clima de apoio e harmonioso entre todos.
- A Cidadania como forma de estimular o compromisso para uma atitude ativa e responsável, através



da valorização, construção e partilha de saberes, seja internamente, seja no relacionamento com os parceiros e comunidade em geral.

- A defesa do meio ambiente como forma de consciencializar crianças e adultos para uma atitude responsável de proteção e defesa de um “bem” coletivo, como são os recursos ambientais.

A resposta de creche familiar

A Creche Familiar desenvolve-se no espaço de habitação das amas, sendo financeiramente suportada pela participação do Instituto de Segurança Social, do município, através de Protocolo assinado pela Plataforma para a Qualificação de Creches – “Crescer Melhor em Cascais”, das famílias e por alguns donativos pontuais.

A equipa de enquadramento é constituída por uma educadora de infância e uma diretora técnica que fazem formação e acompanhamento, com visitas a casa das amas e reuniões para avaliação do funcionamento. Regularmente, ao longo do ano, a equipa alargada reúne com diferentes objetivos como a formação contínua, a partilha de práticas e procedimentos, a análise e reflexão de situações relevantes, e para planeamento e avaliação.

Como locais de exploração e aprendizagem para as crianças, são valorizados os recursos existentes na proximidade da casa das amas. Privilegiam-se os passeios pela vizinhança, a descoberta de um autocarro, de uma mercearia ou de outros espaços como sejam uma escola, um centro de dia ou uma ludoteca.... A Ludoteca de Alcoitão é dinamizada pela TorreGuia e é um recurso de que as crianças podem usufruir com regularidade ao longo de cada ano letivo.

As amas e a ludoteca

O Projeto «Aqui há Gato!» envolveu a visita a casa das Amas pela equipa da Ludoteca TorreGuia e a realização de experiências exploratórias, partindo de um trabalho reflexivo conjunto (entre a ama e a animadora, em articulação com a técnica de enquadramento) de planificação das atividades a oferecer às crianças. Esta prática e os instrumentos associados contagiaram a vida da própria Ludoteca.

A aprendizagem contínua e interativa ajuda a que tudo flua naturalmente, fazendo com que depois da atividade realizada surjam novas propostas de atividades indo ao encontro dos interesses e necessidades das crianças.

Sempre que possível estas aprendizagens acontecem no exterior, conforme perspectivado no Projeto pedagógico da Creche familiar, intitulado “Brincar lá fora”. Este visa definir orientações sobre a atitude das amas, momentos-chave, organização do espaço, metas a atingir e plano de atividades anual, bem como criar uma linguagem comum entre as amas e a creche e ser um fio condutor das suas práticas.

Poder-se-á sempre afirmar que a estabilidade emocional, o conhecimento social e a autonomia são prioridades no currículo em idade de creche. A Creche Familiar promove ações que estimulam o desenvolvimento global de uma forma equilibrada, nas diferentes áreas. Os outros conhecimentos são aprendidos de forma lúdica e aprazível, não cortando a criatividade nem a curiosidade de que a infância se reveste. A atividade lúdica faz parte da vida, tal como dormir, comer, rir e chorar. Brincar é também um fim em si próprio e não apenas um meio para se atingir qualquer outro objetivo.

Brinca-se a vida toda!



“Que os pais e educadores percebem que, o saber observar, falar e atuar pelo jogo e pelo trabalho precede e é, portanto mais importante que o ler e escrever. Sem saber ver e descrever, não se pode aprender a ler”

Importante é possibilitar à criança a exploração e a participação ativa em atividades simples adequadas à sua faixa etária e com recurso ao lúdico.

“Que os pais e educadores percebem que, o saber observar, falar e atuar pelo jogo e pelo trabalho precede e é, portanto mais importante que o ler e escrever. Sem saber ver e descrever, não se pode aprender a ler” (Santos, 1991, p.63).

Refletindo sobre interatividade e continuidade

O curso “Construir Práticas Educativas 0-3” proporcionou ao grupo a oportunidade de aprofundar conhecimentos sobre o ciclo planificação-ação-reflexão-avaliação, incentivando à experimentação de registos de observação.

Ao longo do processo formativo houve espaços de partilha, de reflexão, de construção de vários instrumentos de apoio e de monitorização do dia-a-dia, através da dinamização de processos participativos, dinâmicos e colaborativos. Estes processos potenciaram o interesse e a motivação da equipa, sendo um exemplo os contributos gerados através da reflexão e preparação conjunta de experiências a oferecer às crianças.

Como impacto na equipa, constatou-se no desempenho das amas que:

- aumentou a sua autoestima, o empenho e competências profissionais
- tornaram-se mais ativas no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional
- mostram maior capacidade reflexiva e de avaliação

- colocam em prática os conhecimentos adquiridos (compilação de observações e das atividades desenvolvidas)
- têm maior autonomia nas práticas e na planificação das atividades, identificando os interesses e necessidades das crianças.

Um exemplo concreto da sua aplicação será o facto de após uma visita da Ludoteca a casa das Amas, foi feita em conjunto a reflexão e o registo da ação, criando um procedimento de planificação e continuidade para novas atividades a propor, decorrentes da observação das necessidades e interesses das crianças. Como base de suporte a todo o exercício, delinearum-se as seguintes perguntas-chave:

1. O que fizeram as crianças? O que sentiram as crianças? O que aprenderam as crianças?
2. Como integramos os interesses e as necessidades das crianças na nossa planificação? Como fazemos essa escuta da criança? Como criar uma interatividade e continuidade ao que foi observado/identificado? Que atividade(s) planificar criando oportunidades significativas de aprendizagem?

Todo o processo tornou-se simples e desafiante, foi uma mais valia para as Amas e passou a ser um instrumento em uso na Ludoteca que permitiu:

- Conhecer, compreender e apoiar cada criança;
- Organizar, interpretar e agir sobre o que as crianças estão a fazer;
- Compreender o desenvolvimento atual de cada criança e planejar o dia seguinte;
- Perceber o crescimento e desenvolvimento de cada criança e partilhar e interpretar as suas ações com os pais.

Considerações finais

Ao conceber a criança como um ser ativo, detentora de conhecimentos prévios, é papel do adulto/educador considerá-los, tomá-los como ponto de partida e sistematizá-los.

É fundamental que o adulto crie oportunidades para a criança contactar com objetos físicos, manipulá-los e explorá-los, que proporcione espaço de conversa, de troca e interação entre as crianças e também com os adultos; que tenha sensibilidade para acolher e valorizar tudo aquilo de que a criança é portadora, e compreender que é a partir das crianças, das suas perguntas, observações, silêncios, alegrias e tristezas que deve centrar o seu trabalho e as suas atividades. Este tipo de atitude exige flexibilidade e abertura, envolve uma procura do mundo da criança, dos seus interesses e vivências, e uma criatividade constante. Esta é a atitude que se pretende subjacente a qualquer contexto educativo.

A equipa da Creche Familiar, trabalha conjuntamente na planificação, dinamização e avaliação do trabalho, utiliza todos os momentos conjuntos para reflexão e aprofundamento de conhecimentos, numa postura de autoformação.

O curso “Construir Práticas educativas 0-3” foi um privilégio e uma oportunidade de capacitação profissional, e permitiu:

- adquirir/reformular competências de educação e dos cuidados a prestar a crianças pequenas;
- valorizar e reconhecer boas práticas na relação com as famílias;
- refletir, aprofundar saberes e construir novos instrumentos de apoio e monitorização do trabalho quotidiano.

Na articulação entre os saberes e a construção de práticas colaborativas (ama e monitora, apoiadas pela técnica de enquadramento), destaca-se a importância de o adulto desenvolver quotidianamente ações que respeitem a criança e apoiem o seu envolvimento em experiências de aprendizagem em continuidade e interatividade. Em suma, o trabalho deste adulto/educador, sobretudo na Creche Familiar, é complexo e desafiante:

“O educador deve ser alguém que permite o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através da atenção, gestos, palavras e atitudes. Deve ser alguém que estabeleça limites claros e seguros que permitam à criança sentir-se protegida de decisões e escolhas para as quais ela ainda não tem suficiente maturidade, mas que ao mesmo tempo permitam o desenvolvimento da autonomia e autoconfiança sempre que possível. Deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de expansividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento sócio emocional.” (Portugal, 1998, p. 198) e “... sem esquecer a importância do estabelecimento de relações colaborativas, “alianças” com as famílias, dimensões determinantes da qualidade dos serviços” (Portugal, 2012).

A equipa da Creche Familiar da TorreGuia, valoriza cada vez mais a importância que o adulto tem nas ações que desenvolve quotidianamente com as crianças, tendo consciência que as experiências podem ter um verdadeiro impacto no seu desenvolvimento futuro e que cuidados adequados durante a primeira infância trazem benefícios para toda a vida.

Referências bibliográficas

- Portugal, G. (1998). Crianças, Famílias e Creches – Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Santos, J. (1991). Ensaio sobre educação II. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Educação.
- Creche familiar TorreGuia (2019, setembro) Partilha de saberes...para boas práticas”, Poster “A Creche é nos Familiar” (2019, setembro) Seminário “Creche Familiar: Construir praticas educativas 0-3 anos”, Lisboa



**Discutir, partilhar e refletir em equipa:
a chave para o bem-estar profissional
e a inovação de práticas.**

Amas: Sandra Palma e Sofia Cordeiro
Técnicas de Enquadramento: Alexandra Praça
Formadora: Vânia Azevedo

Resumo

A participação na ação de formação “Construir Práticas Educativas 0-3”, promovida pela Fundação Aga Khan (AKF) em parceria com a Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI), proporcionou novos desafios às amas, mas também à restante equipa do Centro de Assistência Paroquial da Amora (CAPA), nomeadamente à educadora enquadrante.

O presente artigo pretende descrever os processos vivenciados por este grupo de profissionais, processos estes que implicaram a discussão e a reflexão em torno dos desafios identificados, contribuindo significativamente para o bem-estar e a ação profissional de toda a equipa.

Palavras-chave: equipa, bem-estar profissional, inovação.

Introdução

O Centro de Assistência Paroquial da Amora, criado em 1952, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social que conta com dois equipamentos, o “Patronato” e “O Caracol”. A instituição rege-se pelos valores de solidariedade, justiça, igualdade e respeito. Estes valores inscrevem-se na sua missão de contribuir para o desenvolvimento de respostas sociais de problemáticas sociofamiliares, visando o crescimento e a promoção de cada indivíduo, através de valores cristãos, concretizado no lema “A Felicidade que se tem pelo bem que se faz”. Estes são os firmes propósitos da intencionalidade da Instituição e dos quais usufruem cerca de 310 crianças com idades compreendidas entre os 4 meses e os 12 anos.

A creche familiar é uma das quatro respostas sociais da área da infância do CAPA que foi criada em 1998 através de um acordo de cooperação celebrado com a Segurança Social. Esse acordo englobava 22 Amas e 88 crianças, sendo atualmente a creche familiar constituída por 14 Amas e 56 crianças, sob a coordenação de uma educadora de infância que assegura o apoio técnico e de enquadramento da resposta. O conjunto de amas reside na freguesia de Amora e cada ama acolhe crianças entre os 4 meses e os 3 anos de idade até um limite máximo de 4 crianças por ama, privilegiando-se a heterogeneidade dos grupos e a diversidade dos materiais pedagógicos existentes em cada contexto e adequados a cada um desses grupos.

Em 2018, o grupo de amas participou na ação de formação “Construir Práticas Educativas 0-3”, um processo formativo que proporcionou novos desafios às amas. Estes desafios também se estenderam à educadora enquadrante, destacando-se a necessidade da equipa refletir sobre dois aspetos-chave do trabalho desenvolvido em creche familiar: (1) a importância dos encontros formativos, e (2) a importância do brincar e da exploração multissensorial, através da introdução de um cesto dos tesouros itinerante no quotidiano educativo.

«Ser ama – sempre a aprender, sempre a crescer»: a importância dos encontros formativos

A formação e aprendizagem ao longo da vida são sempre processos educativos que podem ser formais ou não formais e que pretendem promover mudanças ao nível profissional e/ou pessoal. Tal como refere Canário (2000), a formação é “um processo que se confunde com a própria vida dos adultos” (p.5).

Estas mudanças assentam na aprendizagem ao longo da vida através de quatro pilares: (1) aprender a conhecer; (2) aprender a fazer; (3) aprender a viver juntos; e, (4) aprender a ser (Delors, 1996).

No caso específico da formação “Construir práticas educativas 0-3”, a mediação promovida pela formadora, em articulação com a educadora enquadrante, apoiou a reflexão e a melhoria das práticas das formandas que demonstraram ter adquirido novas competências para o desempenho e aperfeiçoamento da sua atividade. As

Por iniciativa própria do grupo de amas, foi organizada a continuidade dos encontros formativos, objetivando a reflexão e a partilha para a melhoria contínua da atividade profissional.



sessões formativas foram de extrema importância para o crescimento da equipa e para o seu enriquecimento profissional, algo verbalizado pelo grupo de formandas ao destacarem os seguintes aspetos-chave:

- Novas aprendizagens e aquisição de novas competências
- Melhor conhecimento da ação educativa de cada elemento da equipa
- Melhoria no trabalho em equipa e sentimento de coesão
- Identificação de novos desafios e capacidade em “abraçá-los”, encontrando soluções em equipa
- Melhoria da qualidade do desempenho da ação profissional através da inovação de práticas

Um dos desafios, relatados pelo grupo de amas e vividos no seu contexto profissional, foi o isolamento. O desempenho da profissão no contexto domiciliário era entendido como um entrave à partilha e à reflexão conjunta, sendo entendido que apenas a proximidade do trabalho em sala de creche permitia conversas informais e encontros para um trabalho mais focado, de forma regular. As discussões provocadas nas sessões formativas acerca da importância do diálogo contínuo e dos processos reflexivos como garante de uma melhoria da qualidade do serviço prestado, contribuíram diretamente para diminuir esse sentimento de isolamento e incentivar a organização de espaços e tempos para dar continuidade a esses mesmos processos.

A abordagem metodológica adotada pela AKF Prt, no âmbito da formação de adultos, proporcionou uma jornada de aprendizagem assente na auto e hetero-reflexão para a “construção de uma perspetiva pedagógica participativa em creche familiar centrada na escuta da

criança e no desenvolvimento profissional contínuo do adulto” (Brazinha, Furtado, Varela e Almeida, 2017, p.50). Entende-se que as dinâmicas promovidas no âmbito da formação incentivaram estas profissionais a partilharem as suas maiores preocupações, assim como os desafios encontrados no seu quotidiano. Como resposta, debruçaram-se na pesquisa e discussão dos conteúdos curriculares aliando a teoria à prática e assegurando a sua respetiva contextualização, partindo sempre do próprio saber individual e promovendo, no coletivo, a partilha dos resultados alcançados. Canário (2000) explica que “são os próprios adultos com a sua experiência que constituem o recurso mais rico para as suas próprias aprendizagens (...) orientadas para a resolução de problemas e tarefas com que se confortam na sua vida quotidiana” (p.133).

Enquanto ama retiro desta formação todo o enriquecimento, tanto como profissional, como pessoal. Juntas crescemos enquanto equipa, enquanto profissionais e, também, como indivíduos. Ao partilharmos os nossos desafios diários encontramos soluções juntas tanto para experiências anteriores como tivemos novas ideias e práticas. Tornámo-nos mais unidas e cientes do grupo que temos.

Sofia Cordeiro, entrevista, dezembro 2019

Por iniciativa própria do grupo de amas, foi organizada a continuidade dos encontros formativos, objetivando a reflexão e a partilha para a melhoria contínua da atividade profissional. Os encontros eram sustentados pelas dúvidas, desafios, dificuldades no planeamento e gestão educativa, e a comunicação de boas práticas emergentes, a partir das interações com as crianças e suas famílias. Através da partilha e reflexão conjuntas foi possível encontrar novas estratégias e soluções, ampliando o sentimento de pertença a uma equipa que está sempre



disponível para escutar e que atua, conjuntamente e de forma concertada.

Placco e Souza (2006) falam-nos sobre a importância da aprendizagem em grupo que converge com o objetivo do encontro formativo: “a aprendizagem do adulto se dá, primordialmente, no grupo, no confronto e no aprofundamento de ideias, pela escolha individual e comprometida com o evento a ser conhecido” (p.24).

Estes encontros formativos, organizados pelas amas e apoiados pela equipa técnica e direção da instituição, desenvolveram-se em cinco etapas:

1. **Recolha de dados** – levantamento das necessidades e interesses das amas; necessidades formativas e também a recolha de práticas educativas que pretendiam apresentar no encontro formativo (por exemplo, a partilha de reflexões inerentes ao seu trabalho com as crianças e suas famílias, relatos de práticas sobre a gestão do seu trabalho ou a apresentação de um tema do roteiro de estudo);
2. **Análise dos dados recolhidos** – análise do levantamento efetuado e definição da estratégia a adotar («Quem nos pode ajudar?»), identificando o envolvimento da instituição, parceiros existentes na comunidade ou profissionais que aprofundem a reflexão sobre determinado tema;
3. **Preparação do encontro** – definição de um alinhamento que responda às necessidades específicas (individuais e coletivas) de todo o grupo;
4. **Dinamização do encontro** – realização do encontro formativo, de acordo com o alinhamento discutido previamente;
5. **Avaliação** – discussão e avaliação do encontro com perspetivas de continuidade.

Estes encontros são organizados por um pequeno grupo de amas e dinamizados uma vez por mês.

Os encontros formativos são um convite à promoção de novas aprendizagens dos adultos, na medida em que se centram naquilo que são os seus saberes, as suas necessidades e interesses, permitindo novas aprendizagens a partir de aprendizagens anteriores, condicionando a sua ação futura. Mezirow (1996) explica o modo como os adultos aprendem “como o processo de utilizar as interpretações anteriores, com vista a construir uma interpretação nova, ou uma interpretação alterada acerca do sentido da experiência pessoal em ordem a guiar a ação futura” (p.162).

No decorrer destes encontros deu-se também o acompanhamento de projetos implementados na creche familiar, tais como a atividade de exploração de um cesto dos tesouros itinerante, uma iniciativa que emergiu no decorrer da formação.

A co-construção de um cesto dos tesouros

Tendo a ação formativa decorrido ao longo do ano letivo, foi possível concretizar diferentes propostas. A experimentação de propostas de atividades lúdicas a desenvolver com as crianças englobou a atividade de exploração do cesto dos tesouros. Ao proporcionar ao seu grupo de crianças a realização desta atividade, as amas realizaram exercícios de observação dos sinais de bem-estar e de envolvimento (Laevers, 1994 citado por Brazinha, Furtado, Almeida & Varela, 2017, p. 57) na ação da criança aquando da exploração do cesto.

O cesto dos tesouros foi co-construído pelas amas, tendo como objetivo promover aprendizagens significativas a partir do brincar heurístico. O brincar heurístico designa uma atividade desenvolvida num ambiente controlado,



na qual o tempo é dedicado à exploração de um conjunto de variados objetos com os quais a criança brinca livremente (Coelho, 2004, citado por Goldschmied & Jackson, 2007). O brincar heurístico permite, de uma forma muito simples, um brincar livre e amplo, promovendo o autoconhecimento e a exploração do mundo.

A exploração multissensorial cria oportunidades de tomada de decisão e promove as interações entre crianças. É composto dos diferentes objetos usados no quotidiano que se podem facilmente encontrar em casa e que possuem características específicas: objetos de metal, madeira, lã, couro, cartão, elementos naturais da natureza (concha, pinha, cabaça, maçã). Desta forma, as crianças conseguem experienciar novas texturas, formas, cores, sons, cheiros, etc. O objetivo do cesto dos tesouros é utilizar objetos simples do dia-a-dia para aumentar a criatividade, as ideias, as perceções do mundo e as suas sensações. O cesto pode ser uma caixa ou mesmo um cesto de verga resistente e adaptado à idade das crianças. Os objetos do cesto devem ser renovados promovendo novas aprendizagens e incentivando-as a explorar o mundo à sua volta.

Esta atividade construída pela equipa foi uma mais-valia, não só pelo enriquecimento profissional, mas também pelo incentivo ao trabalho em equipa.

Esta co-construção foi feita através do desafio lançado pela formadora, que incentivou cada ama a trazer de sua casa objetos de madeira, conchas, pinhas, pedras, paus, objetos de metal, lã, cortiça, folhas, sementes, com o objetivo de refletir e construir o cesto dos tesouros. A partir de cada objeto trazido houve a possibilidade de se discutir e analisar a sua pertinência para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças (seleção dos

objetos, medidas de higiene e segurança, potencialidade de exploração, organização do cesto, tempo e espaço para implementação da atividade e o papel da Ama).

O cesto esteve na minha casa uma semana (...). Os mais velhinhos exploraram sozinhos, brincaram livremente e criaram. Os mais pequenos brincaram com supervisão. Eles exploraram, mexeram, levaram à boca, fizeram o que lhes apeteceu. O cesto circulou por casa de cada ama, podendo lá estar uma semana ou mais tempo. Era transportado pela colega que nos traz a alimentação. (...) O cesto foi sendo alterado conforme os objetos iam sendo danificados ou as crianças iam ficando saturadas deles. [Nos nossos encontros] nós fomos falando das nossas experiências e partilhando estratégias [de atuação]."

Sandra Palma, entrevista, dezembro 2019

A experimentação desta proposta e a reflexão assente na observação ressaltaram a necessidade das profissionais em estarem atentas às medidas de segurança e à necessidade de rotatividade dos objetos.

Considerações finais

Segundo Nóvoa (1988), "a formação é sempre um processo de transformação individual na tripla dimensão do saber (conhecimento), saber-fazer (capacidades) e do saber-ser (atitudes)" (p.128).

A tomada de consciência de um trabalho reflexivo e colaborativo conduziu ao reforço do sentido de pertença a uma equipa. Assumiram-se compromissos de contribuição para a coesão através da interajuda e da abertura ao diálogo e à hetero-reflexão:



Desde a formação que os encontros que tivemos foram muito benéficos para todas as amas do CAPA. Aprendemos muito, trocamos ideias, convivemos e, principalmente, criamos mais laços de união e de amizade. A formação fez com que as amas do CAPA se unissem para o que der e vier em todos os momentos.

Sandra Palma, entrevista, dezembro 2019

A formação deve ser vista como um ponto de viragem na vida dos profissionais, devendo ter como principal missão entusiasmar e valorizar, mudando as lentes de como se veem a si próprios e ao mundo que os rodeia, para terem a capacidade de produzir mudanças através das suas práticas e interações, no seu trabalho com as crianças e com as famílias. O acompanhamento técnico e a articulação estabelecida com a equipa, e a formadora, ao longo desta jornada de aprendizagem, permitiu à coordenadora pedagógica e técnica de enquadramento as seguintes percepções:

A formação veio proporcionar um enriquecimento, tanto a nível pessoal como profissional às nossas amas. Esta esteve adaptada em dar resposta às necessidades da função exercida, atualizou conhecimentos, permitiu uma maior partilha entre os elementos. Como coordenadora da resposta, consegui perceber que a formação proporcionou um maior desenvolvimento de competências técnicas, mas também de soft skills, competências essenciais para o relacionamento entre colaboradores. Além destes benefícios é importante destacar: Aumento significativo da motivação, validação de conhecimentos, atualização de conhecimentos, maior partilha entre as amas. É importante que cada vez mais se invista em formação e se reflita na sua importância e na adaptação às necessidades de quem exerce esta formação.

Alexandra Praça, entrevista, dezembro 2019

Terminamos este artigo refletindo sobre a necessidade de uma maior responsabilização por parte das lideranças em apoiar a formação contínua e o desenvolvimento profissional de forma a responder às necessidades formativas dos profissionais que constituem a creche familiar. É fundamental incentivar e apoiar a promoção de encontros formativos envolvendo as equipas educativas, as lideranças e a comunidade.

Referências bibliográficas

- Brazinha, M., Furtado, A., Almeida, S. & Varella, C. (2017). Guia para Amas e outros cuidadores. Lisboa: Fundação Aga Khan.
- Canário, R. (2000). Educação de adultos – Um campo e uma problemática. Lisboa: Educa.
- Delors, J. (Dir.) (1996). Educação um tesouro a descobrir. Rio Tinto: Editora Asa.
- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2007). Educação de 0 a 3 anos – O atendimento em Creche. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed.
- Mezirow, J. (1996). Contemporary paradigms of learning. *Adult Education Quarterly*, 46, 3, pp.158-172.
- Nóvoa, A. (1988). A formação tem que passar por aqui: As histórias de vida no projeto Prosalus. In Nóvoa A., e Finger M. (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação (pp. 109-130). Lisboa: Ministério da Saúde.
- Placco, V. & Souza, V. (2006) (Orgs.). Aprendizagem do adulto professor. São Paulo: Editora Loyola.



A publicação «Co-construindo práticas educativas na creche familiar» está ao abrigo de uma licença Creative Commons – Atribuição – Não comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Fundação Aga Khan Portugal

Avenida Lusíada, 1, 1500-650 Lisboa

Tel.: +351 217 229 000

e-mail: akfportugal@akdn.org

web: www.akdn.org

plataforma: <http://moodle.akfportugal.com>

©AKF Portugal, maio 2020

As informações deste material podem ser reproduzidas, mediante comunicação à Fundação Aga Khan Portugal.